

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE HISTÓRIA – LICENCIATURA**

**A TERRA DOS CAETÉS E A SUÁSTICA:  
FRAGMENTOS DE HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA ALAGOANA  
NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942-1945)**

**Paulo Davi Cardoso Alcântara**

**UFAL  
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE HISTÓRIA – LICENCIATURA**

**A TERRA DOS CAETÉS E A SUÁSTICA:  
FRAGMENTOS DE HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA ALAGOANA  
NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942-1945)**

Orientando: Paulo Davi Cardoso Alcântara  
Orientador: Profº Drº Alberto Frederico Lins Caldas Filho

Monografia apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal de Alagoas-UFAL para obtenção do título de licenciado em História.

## DEDICATÓRIA

Às memórias de

*Palmira Cardoso, D. Maria Alcântara,  
doce Tayra Macedo & camarada Marcelo Gomys.*

Muitas saudades.

À todos brasileiros vítimas dessa guerra  
absurda.

E à Brunelle, pelos novos sorrisos e luz.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram, ou não, para esta pesquisa. Aos professores e amigos que fiz na universidade e que levarei por toda vida, por mais piegas que isso possa parecer. Agradeço a todos pelas conversas enriquecedoras e críticas.

Ao seu Eloy e seu lugar de memória debaixo da passarela da universidade e seus fiéis freqüentadores. Quanta história oral lá!

À Associação dos ex-combatentes de Alagoas, em especial ao Sr. Abel e Sr. Acyr. Que tenham ainda longos anos de vida!

À D. Walderez pela sua história e contribuição inestimável - tenho certeza que ainda contará sua história por décadas!

Aos familiares de uma forma geral, em especial meu pai Djaci “Branco” e minha tia Darci, meus primos André e Henrique Pastl, por me fornecerem suporte bibliográfico e apoio, sempre.

Ao orientador da monografia, professor Alberto Lins Caldas. Meu respeito.

À energia criadora.

**RESUMO:** Passados 65 anos do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ainda há aqueles que continuam lutando. O campo de batalha atual não é, obviamente, mais os montes e colinas italianas de outrora nem os mares infestados de submarinos inimigos. O inimigo não é mais o alemão, membro de uma raça superior e de um exército considerado invencível. Hoje, a batalha se desenrola numa “paz” duramente conquistada. O palco é o próprio Brasil e o inimigo é o esquecimento, o “não se importar”. E conseqüentemente o silêncio. Quando se fala na Segunda Guerra Mundial, a maioria dos brasileiros que tiveram acesso à educação imagina os campos de batalha da Europa e do Pacífico, com franceses, americanos, ingleses, russos, japoneses, italianos e alemães combatendo. Nada longe da verdade. Mas existiu um "outro front" nessa guerra, um front mais esquecido e muitas vezes totalmente ignorado: o de brasileiros e alagoanos que fizeram uma penosa e perigosa jornada além-mar para entrarem numa guerra moderníssima em que muitos deles nem sabiam por que tinha começado nem tampouco se sairiam com vida; os alagoanos que ficaram em solo brasileiro vigiando nossa costa contra uma possível invasão alemã – possível, pois foram nossas águas territoriais, inclusive a alagoana, palco de afundamentos de navios, morte de centenas de brasileiros e espreitada por corsários alemães; os alagoanos que embarcaram, tanto na Marinha Mercante como Marinha de Guerra, para realizarem operações essenciais de comércio e proteção do litoral; os alagoanos civis que sofreram as conseqüências de viverem numa época tão conturbada. Resgatar e divulgar uma pequena parte desta memória através da oralidade, antes que seja totalmente perdida, é o objetivo dessa pesquisa.

**Palavras-chave:** História oral; Memória; Narrativas; II Guerra Mundial; História de Alagoas.

#### **ABSTRACT**

Passed 65 years from the end of World War II (1939-1945), there are still those who continue fighting. The battlefield today is not, obviously, plus the Italian mountains and hills of yore, nor the seas infested with enemy submarines. The enemy is no longer German, member of a superior race and an army considered invincible. Today the battle unfolds in the midst of peace, hard-won. The stage is Brazil itself and the enemy is the forgetfulness, the "not caring". And hence the silence. When speaking of the World War II, most Brazilians that had access to education imagine the battlefields of Europe and the Pacific, with French, American, British, Russian, Japanese, Italian and Germans fighting. Nothing further from the truth. But there was “another front” in that war, more overlooked and often completely ignored: of Brazilians and Alagoans that made a painful and perilous journey across the sea to enter into a very modern war in which many of them did not even know why it had started or if they would come out alive; the Alagoans who stayed on Brazilian soil watching our coast against a possible German invasion - possible because our territorial waters, including the Alagoans, were stage for sinking ships, death of hundreds of Brazilians and stalked by German “pirates”; the Alagoans who embarked, both in the Merchant Marine and Navy, to carry out essential operations of commerce and coastline protection; the civilian alagoans who suffered the consequences of living in a deeply troubled era. Rescue and disseminate a little part of this memory through orality, before it is totally lost, is the goal of this research.

**Key words:** Oral History; Memory; Narratives; World War II; Alagoas History.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA	09
TIPOS DE HISTÓRIA ORAL	14
AS ENTREVISTAS REALIZADAS E SUA TRANSCRIÇÃO	16
<b>CAPÍTULO II</b>	
TRÁGICO ENCONTRO NO BELO OCEANO	20
D. WALDEREZ, O U-507 E O ITAGIBA	24
<b>CAPÍTULO III</b>	
MARINHA DE GUERRA À CAÇA DA SUÁSTICA	32
ABEL SILVA DO AMOR DIVINO	33
ACYR DE BARROS COSTA	38
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>42</b>
<b>BIBLIOGRAFIA E FONTES</b>	<b>48</b>
BIBLIOGRAFIA	48
FONTES ORAIS	48
JORNAIS E REVISTAS	48
SITES DA INTERNET	49
FONTES CINEMATOGRAFICAS	49
ARQUIVO PÚBLICO	49
<b>ANEXOS</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

Coleção de fotografias, documentários, filmes, livros e horas de conversas com alguns familiares e amigos: foi assim que começou a II Guerra Mundial pra mim, ainda na adolescência. Esse fascínio me acompanhou por muitos anos. Já tendo uma base teórica sobre o assunto e sabedor do envolvimento brasileiro na mesma, no colégio debatia com professores, algumas vezes de forma acalorada, sobre a participação brasileira no conflito. Nas feiras de ciência que o colégio organizava abordei o assunto em algumas ocasiões, visando uma maior divulgação para a população que a visitava sobre esse período histórico.

Lembro muito bem a primeira vez em que conheci pessoalmente um veterano de guerra, ao caminhar num shopping center local, ainda na adolescência. Sua idade, boina verde e o símbolo da “cobra fumando”<sup>1</sup> estampado na camisa branca não deixavam dúvidas: era mesmo um ex-combatente! Conversei longamente com ele, porém não mantive mais contato nem lembro seu nome, infelizmente.

Na universidade, veio a ideia então de trabalhar sobre o período, mas não de forma tão ampla, já que era um assunto deveras explorado pela historiografia em geral. Queria aprofundá-lo um pouco mais e surgiu a idéia de encaixar meu estado natal nesse contexto. Ao referir-me sobre o tema de monografia a algumas pessoas, via quase sempre um semblante de desconfiança: “*Alagoas e a 2º guerra? O que tem a ver?*” era a frase que mais escutava. Em Alagoas, a preservação da história e a educação nunca foram prioridades dos governos.

Fiz-me o desafio: tentaria ajudar a preencher uma pequena lacuna de nossa história, relativamente recente, mas que era praticamente relegada às alas militares e a outros círculos mais abastados, logo, mais informados. Uma história que não fosse ligada aos grandes generais e estrategistas, os “mitos” criados e estratificados por instituições oficiais, com seus bustos e grandes fotografias espalhados por corredores e pátios de quartéis; e sim com o militar comum, a civil comum: agricultores, operários, estudantes, pequenos comerciantes e/ou autônomos que se viram envolvidos pela guerra.

Não poderia perder a oportunidade de pesquisar, através dos depoimentos desses colaboradores/narradores, uma parte mínima de um grande conflito global que arrastou quase todo o mundo à uma carnificina sem precedentes e que se encontrava ali, tão “perto” de mim. Percebi que, diferente dos métodos da História Tradicional (HT), feita a partir de documentação e registros escritos, minhas fontes estavam vivas. E muito vivas! Eram pessoas com quem eu poderia dialogar, tocar, abraçar, olhar nos olhos!

---

<sup>1</sup> Existem muitas versões para a origem do símbolo da “cobra fumando”, a mais aceita e difundida é que foi uma resposta aos descrentes que acreditavam que “era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra”. Para outras versões, algumas um tanto cômicas, ver SIMÕES, Raul Mattos A. *A presença do Brasil na 2º guerra mundial*. Rio de Janeiro, editora BibliEx, 1966, pág. 67.

Assim amadureceu a idéia de formular um projeto utilizando a História Oral (HO) como metodologia de pesquisa e tendo como foco as experiências de algumas pessoas que estiveram ligadas à guerra, tendo como único limite o fato de terem nascido no nosso estado. O aprofundamento teórico da pesquisa me fez ver que a existência de trabalhos acadêmicos dentro da Ufal sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB), a Marinha Mercante e de Guerra no referido período era bem escassa: tratava-se do assunto de forma muito ampla, fazendo-se grandes panoramas. Faltava um certo “quê” de paixão, se me permitem o uso da palavra, em suas elaborações: os sentimentos, a angústia, o cotidiano, o medo, a saudade da família e amigos e a visão que nossos expedicionários, marinheiros e civis alagoanos tinham dos “*diabólicos nazistas*”.

Tentando responder essas indagações orientei a pesquisa. O objetivo desta monografia não é apresentar as causas e o desenvolvimento da guerra no geral nem os motivos que levaram o Brasil a nela entrar. Para isto, já existem dezenas e dezenas de obras especializadas e escritas por historiadores muito competentes.<sup>2</sup>

O período que vai de 1939 (data que a historiografia tradicional datou como o início oficial do conflito, com a invasão da Polônia pelas forças alemãs) a 1945 (rendição alemã e japonesa, seu término) foi de importância vital para o decorrer do processo histórico do século XX. Pode-se dizer que foi também único: não apenas pelos fatos gerais como o número de vítimas, gastos, territórios arrasados, logística, países envolvidos, etc. – mas foi único na vida das pessoas que vivenciaram seus reflexos e conseqüências, como se notará no decorrer da pesquisa. Cada colaborador deste trabalho teve a sua própria Segunda Guerra Mundial. Portanto, nosso objetivo é o ser em si - como alguns de nossos militares e civis viram, sentiram e conviveram em um mundo em guerra.

“Quem construiu Tebas, a das sete portas?  
Nos livros estão os nomes dos reis,  
Mas foram eles que arrastaram  
Os blocos de pedras?  
E a Babilônia, tantas vezes destruída,  
Quem outras tantas a reconstruiu?  
(...)  
O jovem Alexandre conquistou as Índias.  
Sozinho?  
César venceu os gauleses.  
Nem sequer tinha um cozinheiro a seu serviço?  
Quando a sua armada se afundou, Filipe da Espanha chorou.  
E ninguém mais?”  
**Bertold Brecht**

---

<sup>2</sup> Para mais detalhes ver: SEITENFUS, Ricardo. *O Brasil vai à guerra, o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, editora Manole, 2003; HILTON, Stanley E. *O Brasil e as Grandes Potências - 1930-1939: Aspectos Políticos da Rivalidade Comercial*. Rio de Janeiro, editora Civilização Brasileira, 1977; MCCANN, Frank D. *Aliança Brasil - Estados Unidos: 1937-1945*, Rio de Janeiro, editora BibliEx, 1995; OLIVEIRA, Sérgio. *Getúlio Vargas depõe: O Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Rio Grande do Sul, editora Revisão, 1996; GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo, editora Símbolo, 1977.



# CAPÍTULO I

## HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

Uma das tarefas da História como área de conhecimento foi tentar fornecer uma explicação das origens e desenvolvimento da humanidade no mundo. Origens no plural, porque são várias as interpretações. Para se iniciar numa co-relação entre a história, memória e oralidade, podemos, inicialmente, recorrer aos antigos gregos: para eles, a questão da memória era tão importante que recebeu um lugar privilegiado no panteão dos deuses: sua mitologia nos diz que *Mnemósine*, a deusa da memória e quarta esposa de Zeus, gerou, a partir dessa união com o deus-maior do Olimpo, nove musas: uma delas, *Clio*, a História. A partir desse ponto podemos pensar que para uma produção histórica, torna-se indispensável recorrer à memória.

Diferente da historiografia tradicional (HT), baseada preferencialmente em documentos escritos, optei por me aproximar da História Oral (HO) para desenvolver esta pesquisa por alguns motivos bem específicos: por desconhecer, dentro da produção acadêmica na Ufal<sup>3</sup> pesquisas voltadas à oralidade e memória de ex-combatentes e até mesmo entre a historiografia alagoana como um todo; porque as fontes orais (*narradores/colaboradores*) encontravam-se dispostos a compartilhar suas lembranças da guerra, com muita sorte, a um simples e desconhecido graduando de História (*faltavam ouvidos para suas vozes?*); porque seria uma oportunidade de deixarmos registrados oralidades e memórias de pessoas simples mas que se viram envolvidas num grande acontecimento global e desempenharam papéis singulares a seu próprio modo – papéis estes relegados principalmente à História Militar Tradicional, que sempre privilegiou abordagens de seus “grandes heróis”: generais, almirantes, marechais, em detrimento da camada mais popular de suas fileiras: os de patente mais baixa (*uma história vista de baixo*). Ou nem mesmo isto. Vozes que se calaram com o decorrer do tempo, talvez por medo, trauma, sensação de insignificância, falta de reconhecimento, aversão social?

Foi justamente ao final dessa mesma guerra mundial que o termo “história oral” tradicional ganhou força na metodologia acadêmica ao concentrar-se, num primeiro momento, em coletar e transmitir, a partir do rádio, depoimentos de soldados rasos norte-americanos que haviam lutado no conflito, originando a chamada Escola de Columbia.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Sobre o tema proposto, encontrei algumas teses nos arquivos da biblioteca central da Ufal: “*O Brasil na segunda guerra mundial, com ênfase à participação do estado de Alagoas.*”, CONCEIÇÃO, Sérgio Lima, trabalho de conclusão de curso, 2008; “*A participação brasileira na II grande guerra mundial.*”, DUARTE, Valdívnia de Souza, trabalho de conclusão de curso, 2004; “*Os heróis desconhecidos, no contexto da segunda guerra e do pós-guerra.*”. MELO, Carlos Alexandre Nunes, trabalho de conclusão de curso, 2008. Esses trabalhos apresentam o contexto geral da Segunda Guerra Mundial de forma ampla, não existindo, dentre eles, nenhuma utilização de História Oral com os atores sociais do referido período.

<sup>4</sup> MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. *História oral, como fazer, como pensar*. São Paulo, editora Contexto, 2007, Págs. 102-105.

A memória histórica, objetiva, quase incontestável, procurando uma “camada científica” para fatos da História, através de embasamento teórico, metodologia e técnicas de escolha documental que visem comprovar a existência desse ou daquele fato ou personagem por muito tempo foi a construtora da historiografia. Como definiu Maurice Halbwachs<sup>5</sup> “memória histórica é a história dos historiadores, que pode, em muitos casos, atingir tamanha dimensão a ponto de se fazer presente muitas vezes na memória coletiva de uma nação”. Essa memória histórica, muitas vezes seletiva/excludente, dá destaque aos “grandes feitos”, aos heróis e “mitos” estratificados, deixando em segundo plano personagens considerados por eles como apenas coadjuvantes, como por exemplo, simples recrutas numa grande batalha campal, militantes políticos de movimentos sociais e - no caso específico do sentido desta pesquisa - marinheiros de guerra e vítimas civis de ações de guerra alemã.

No caso de uma memória social, nota-se que a mesma é “*underground*”, extraoficial, legada a grupos sociais por vezes marginalizados pela historiografia. Essa memória é muitas vezes coletiva, no caso de um grupo relativamente coeso como ex-combatentes, embora também possa ser individual, construída ao longo dos anos por seus grupos ou indivíduos formadores, de uma forma organizada ou não, difundida ou restrita ao grupo que a compõe. Por muito tempo esse campo de memória foi combatido pela memória histórica/oficial que a rotulou de subjetiva e carente de uma total confiabilidade justamente por, muitas vezes, contrapor-se ao discurso dominante. Essa “luta” deu o sentido de existir da memória histórica, ou seja, se distanciar ao máximo possível da memória social através de uma “metodologia científica” que lhe dê mais credibilidade.

Ao contrário da disciplina História, a memória – individual ou de um determinado grupo – tornou-se matéria prima para a formulação de narrativas que se amparam em lembranças e referenciais que dispensam provas ou enquadramentos ditos científicos, confirmados por documentos escritos, arquivados, protocolares.<sup>6</sup>

Essa memória social teve grande importância ao longo das eras no sentido de que os fatos históricos eram transmitidos às gerações mais novas principalmente através de relatos orais, pois, embora houvessem textos escritos, eles eram praticamente inacessíveis a sociedades formadas por uma maioria de analfabetos. Esta valiosa tarefa ficava nas mãos, geralmente, de cidadãos mais velhos, autênticos “guardiões da memória”<sup>7</sup> que tinham o respeito da sociedade no qual estava inserido pela importante função desempenhada. Recentemente, essa memória social foi entrando no meio acadêmico e ganhando cada vez mais espaço. Lentamente, esses dois tipos de memórias começaram a interagir e realizar interessantes trocas. Sendo assim, a história oral vem dando chance

---

<sup>5</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, editora Centauro, 2009. Págs 71-72.

<sup>6</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Palavras aos jovens oralistas*, pág. 144. In: *Oralidades: revista de história oral*, n°3 – Jan-Jun/2008. Editora da NEHO, São Paulo, 2008.

<sup>7</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. São Paulo, 2ª edição, editora Paz e Terra, 1998. Pág. 46-47.

para que memórias excluídas da “*Grande História Tradicional*” tornem públicas suas vozes: prostitutas, crianças de rua, homossexuais, mendigos, ciganos, catadores de materiais recicláveis, dependentes químicos, indígenas etc. e, no caso de uma parte desta pesquisa, ex-combatentes de baixa patente, penetrassem no meio acadêmico, enquanto trabalhos baseados em relatos desses e grupos ganham qualidade. O entrelaçamento dessas fontes orais com as documentais físicas agregou muito valor à historiografia na medida em que os dois tipos de memória histórica/social tornaram-se mais complementares. Essa memória social acabou tornando-se objeto de estudo histórico na medida em que esses grupos/indivíduos acabaram ganhando importância não só para ajudar a entender determinados fatos históricos, mas para conhecer melhor os agentes de memória que as fabricam.

Os agentes de memória que nos interessam nesse trabalho são alguns ex-combatentes alagoanos e uma civil que, ainda criança, vivenciou todo o horror que uma guerra pode causar na vida de uma pessoa. Por muito tempo ela se calou a respeito. Suas memórias registradas evidenciam isso com total clareza. Grupos como esses vêem diminuir cada vez mais o espaço para dividir suas vivências/experiências para com as gerações mais recentes. Durante muitos anos, essa história foi narrada majoritariamente por oficiais graduados de alta patente que deram sua versão sobre a história desses milhares de brasileiros durante o cataclisma. Essa memória-oficial sobre nossa participação no conflito foi concretizada através de algumas obras, consideradas clássicas: “*A FEB Pelo Seu Comandante*”<sup>8</sup> do então general e futuro marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, que traz a visão do supremo comandante em relação aos fatos da campanha brasileira na Itália. Acho conveniente ressaltar que a figura deste militar, Mascarenhas de Moraes, permeia toda a memória coletiva dos ex-combatentes brasileiros, independente da arma que tenha servido, sob uma forma muito positiva: o imaginário que se formou à sua volta o distingue de alguns outros grandes comandantes brasileiros, sempre visto muito preocupado com seus subordinados e muito dedicado. O monsenhor Alberto da Costa Reis, nascido e ordenado padre em Maceió e que integrou o II Grupo de Artilharia da FEB na Itália como capelão e foi confidente de Mascarenhas de Moraes, tece elogiosos comentários sobre o mesmo - um militar que sempre se orgulhou de manter-se afastado da política - no número comemorativo ao centenário de nascimento do general da *Revista do Exército Brasileiro*.<sup>9</sup>

Outros desses exemplos são “*O Nordeste na II Guerra Mundial*”<sup>10</sup>, do general Paulo Q. Duarte, “*Terceiro Batalhão, o lapa azul*”<sup>11</sup>, de Agostinho José Rodrigues além de outros trabalhos

<sup>8</sup> MORAES, J. B. Mascarenhas de. *A FEB Pelo Seu Comandante*. Rio de Janeiro, BibliEx, 2005. Ele nos traz a informação de que Alagoas “contribuiu” com 148 soldados para a formação da FEB, pág. 313.

<sup>9</sup> REIS, Alberto da Costa. “*Quando o conheci*”. In. *Revista do Exército Brasileiro*, v.120, nº4, Págs. 218-221. Editora BibliEx, Rio de Janeiro, 1983.

<sup>10</sup> DUARTE, Paulo Q. *O Nordeste na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro, BibliEx, 1971.

<sup>11</sup> RODRIGUES, José Agostinho. *Terceiro Batalhão, o lapa azul*. Rio de Janeiro, BibliEx, 1985.

também realizados pela Biblioteca do Exército – BibliEx, como uma coletânea de relatos de veteranos da FEB (Força Expedicionária Brasileira), a grande maioria oficiais de alta patente, intitulado “*História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*”<sup>12</sup>, só pra citar algumas. Vale ressaltar que a própria seção alagoana da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil possui uma considerável biblioteca onde, obviamente, os temas militares são a maioria. Parte dessas obras citadas também se encontram na biblioteca da Associação.

Pouquíssima é a produção que ousa questionar a versão oficial dos fatos então imposta pelos “escritores-oficiais” dessa página da história brasileira, principalmente durante o período de intervenção militar (1964-1985), o que certamente seria um grande problema para os que quisessem contar a história sob outra perspectiva. Um desses audaciosos foi o marechal Floriano de Lima Brayner<sup>13</sup>, oficial de alta patente que acrescentou novos olhares sobre a memória oficial vigente, embora por um viés orientado por ressentimento pessoal, em certo tom acusatório, porém, sem questionar os valores institucionais das Forças Armadas Brasileiras que tanto influenciaram as narrativas sobre a campanha brasileira.

Outro interessante exemplo, desta vez escrito por um militar alagoano chamado Sylvio von Söhsten Gama, chama-se “*Eu acuso*”<sup>14</sup>. Neste livro de 39 páginas, o autor, como o título já evidencia, acusa não os alemães mas sim os norte-americanos, disfarçados com a suástica ao fundo, de terem afundado nossos navios para forçar a opinião pública e Vargas a cortarem relações com a Alemanha e consequentemente se encaixarem definitivamente no bloco aliado durante a guerra. Esse militar serviu na engenharia do Exército durante o conflito e sua relação com os americanos não foi nada boa. Assim como o exemplo de Brayner, acima citado, seu tom é acusatório e pessoal, facilmente identificável. Diante de tantas e tantas provas: orais, documentais, arqueológicas e até confessionais por parte dos alemães sobre a autoria destes nos ataques ao Brasil, interessantes são as palavras de PORTELLI (2008) sobre as narrativas errôneas:

Fascina-me especialmente a ocorrência das narrativas errôneas, dos mitos, das lendas, dos silêncios que se adensam e se entrelaçam em torno destes acontecimentos. A história oral, de fato, é cuidadosa na distinção entre acontecimentos e narrativas, entre história e memória, justamente porque defende que as narrações e a memória são, elas próprias, fatos históricos. Quando uma versão incorreta da história torna-se parte do senso comum, não somos chamados apenas para retificar essa reconstrução, mas também para nos interrogarmos sobre como e porque este senso comum foi construído, o que significa, a que propósito serve. A credibilidade específica das fontes orais consiste exatamente nisso: no fato de que, mesmo quando elas não correspondem aos fatos tais como aconteceram, as discrepâncias e os erros são eventos em si mesmos, são indícios que estimulam ao trabalho no tempo do desejo e da dor, e à difícil busca por significado.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> Fundação Cultural do Exército. *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Vols. 1 a 8. Rio de Janeiro: BibliEx, 2001.

<sup>13</sup> BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

<sup>14</sup> GAMA, Sylvio von Söhsten. *Eu acuso*. Maceió, editora do autor, 2001.

<sup>15</sup> PORTELLI, Alessandro. *História, memória e significado de um massacre nazista em Roma*. In. *Oralidades: revista de história oral*, nº3 – Jan-Jun/2008, pág. 170. Editora da NEHO, São Paulo, 2008.

O autor desta monografia pediu opiniões a todos os entrevistados/colaboradores sobre as palavras do senhor Sylvio Gama, principalmente à D. Walderez Cavalcante, maceioense da Jatiúca, sobrevivente do navio mercante *Itagiba*, torpedeado na costa baiana pelo *U-507*, um submarino alemão que aterrorizou nossa costa e vitimou centenas de brasileiros. Suas opiniões se encontram nos próximos capítulos.

Por outro lado temos uma obra, também alagoana, que busca desacreditar completamente essa ideia: “*O enigma dos submarinos: nordeste do Brasil – 1942*”<sup>16</sup>, escrito, desta vez, por um militar da marinha de guerra. O autor deste livro busca provar que, naquela oportunidade, o Brasil já estava apoiando os Estados Unidos em seu esforço de guerra contra o Eixo e que nada restava aos alemães do que dificultar o suprimento de matérias-primas brasileiras essenciais para a América do Norte, onde se desenvolvia largo esforço industrial de guerra. O autor desta monografia se enquadra completamente nesta linha de raciocínio. Um bonito e bem recente exemplo brasileiro de pesquisa com fontes orais e preocupação com a memória da cidade, recheado de fotografias e depoimentos valiosos, podemos encontrar em “*Da glória ao esquecimento: os socorrenses na segunda guerra – resgatando a memória da cidade*”<sup>17</sup>. O autor é um jovem pesquisador do assunto que se debruçou sobre os pracinhas da cidade de Socorro, São Paulo.

Não é minha pretensão aqui fazer uma análise historiográfica das obras que tratam do Brasil na guerra, nem as oriundas das Alagoas, pois essa tarefa é longa e foge do objetivo desse estudo. Mas é necessário ao menos citá-las brevemente para que se tenha uma noção de como a questão da memória histórica/social é vasta e pode ser polêmica.

A maioria das pessoas que tiveram um acesso à educação/informação, ao fazerem comentários sobre nossa participação na guerra comete um grande erro sobre a interpretação da história: julgar um determinado período histórico à luz de certos valores contemporâneos. Essa é a principal injustiça cometida contra os ex-combatentes brasileiros, em especial os nordestinos. Muitos que desprezam seu sacrifício não levam em conta as extremas peculiaridades da época em que viviam essas pessoas. Muitos deles jamais haviam deixado seus próprios lares ou as fronteiras imaginárias de seus municípios. Muitos sequer imaginaram que nessa guerra seria usada a arma mais apocalíptica já inventada pelo homem e que poderia facilmente pôr um fim definitivo à vida na Terra: a bomba atômica. Na “luta” contra uma memória oficial, fontes e argumentos devem ser usados com equilíbrio, num duelo “justo” onde prevalecerá, é o que esperamos, a versão que deixe de lado ressentimentos pessoais e pré-conceitos.

Diante de todos os confrontos e interações entre memória-histórica/memória-social, fica um

---

<sup>16</sup> PEDROSA, J. F. Maya. *O enigma dos submarinos*. Maceió, edições Catavento, 2001.

<sup>17</sup> VERTINO, Derek Destito. *Da glória ao esquecimento: os socorrenses na segunda guerra – resgatando a memória da cidade*. São Paulo, editora do autor, 2011.

questionamento: qual prevalece em relação aos ex-combatentes em nossa sociedade contemporânea? Quando se fala neles, quais as primeiras imagens que nos vêm à mente? São mitos? Heróis? Pessoas admiráveis e dignas de grande respeito? São ex-militares que inventam histórias ou exageram suas participações na intenção de autoglorificação? A historiografia sobre o Brasil na guerra e seus militares, antes elitista, unilateral, vem ganhando aos poucos a contribuição de pesquisas que abordam suas formas a partir de outro viés, usando de novos métodos acadêmicos que vão transformando esses dois tipos de memória, desconstruindo mitos e versões e dando voz aos “*esquecidos da história*”.

### TIPOS DE HISTÓRIA ORAL

A HO, como metodologia de pesquisa para obtenção de testemunhos e narrativas de acontecimentos contemporâneos, histórias de vida e busca por um maior entendimento sociocultural, possui alguns campos dentro de si mesma. São elas: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral.<sup>18</sup> Cada uma possui pressupostos, formas de realização/interpretação e diálogo distintas. Porém, em todas encontramos momentos que antecedem a sua iniciação:

- 1 – elaboração do projeto;
- 2 – gravação;
- 3 – estabelecimento do documento escrito e sua seriação;
- 4 – sua eventual análise;
- 5 – arquivamento;
- 6 – devolução social<sup>19</sup>

A HO utilizada durante as entrevistas dessa pesquisa se enquadra na chamada *história oral temática*, que tem como um de seus objetivos recolher experiências e narrativas sobre um assunto específico, um *tema* específico, neste caso o período da vida dos colaboradores durante o segundo conflito mundial. Diferente da HO de vida, onde o colaborador tem plena liberdade para dar detalhes de sua vida e narrá-la da forma que mais lhe agrada, a HO temática:

Dado seu caráter específico, a história oral temática tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central.<sup>20</sup>

Desta forma, ela pode também tornar-se um meio de procura para esclarecimento de certas situações que podem ser conflitantes, polêmicas, contraditórias ou vagas. O colaborador, desde o começo, sabe que o entrevistador está interessado em um ou em alguns pontos acertados – o que

---

<sup>18</sup> Para um entendimento maior sobre as diferentes formas de HO existentes até o momento, consultar MEIHY, José Carlos Sebe Bom. 2008. Op. Cit. Págs 145-149.

<sup>19</sup> Mais informações sobre cada uma dessas etapas, ver MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. Op. Cit. 2007, pág. 30-31.

<sup>20</sup> Id. Pág. 40.

pode muitas vezes não acontecer como esperado, visto que a própria natureza do diálogo e no “calor” da entrevista outros assuntos possam entrar em jogo, como aconteceu com o autor em todas elas. Respeito é necessário, pois nosso objetivo não é *coisificar/objetificar* esses mesmos colaboradores. Temos que entender que:

O diálogo não é somente entre *pessoas*, mas entre *tempos, imaginários, idéias, corpos, experiências, vozes, imagens* diferentes. E deve ser nessa, com essa e para essa *diferença* que deve acontecer o diálogo.<sup>21</sup>

A HO temática também, diferente das outras, deve possuir preferencialmente um roteiro pré-definido de perguntas e/ou indagações a serem feitas, embora a sequencia de sua feitura possa variar com o andamento da entrevista. Pude constatar que esse “roteiro impresso é bastante útil, embora seja melhor saber as perguntas, fazê-la diretamente no momento oportuno, e manter o roteiro em segundo plano. Ele é essencialmente um mapa para o entrevistador; pode-se recorrer a ele ocasionalmente, mas o melhor é tê-lo na cabeça, de modo que se possa percorrer o território com segurança”.<sup>22</sup>

Com relação às questões a serem feitas, desnecessário dizer que o entrevistador, já que vai fazer perguntas específicas, deve conhecer bem o assunto que vai tratar antes de ir a campo: quanto mais informação ele possui previamente, mais interessantes podem ser suas perguntas. É imprescindível que se tenha uma base teórica sobre o assunto que vai abordar. Conhecer diferentes versões, detalhes que poderiam ser considerados como insignificantes e até imaginar certas situações que mereçam ser mais bem esclarecidas fazem parte da pesquisa em HO.

Pretende-se, mesmo considerando que ela é narrativa de um fato, que a HO temática busque a variante considerada legítima de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma variante que seja discutível ou contestatória. Como a “verdade”, no caso, é um elemento externo, o entrevistador pode e deve apresentar outras opiniões contrárias e discuti-las com o narrador. Tudo com a finalidade de elucidar uma versão que é contestada.<sup>23</sup>

Gênero mais usado tanto por historiadores, quanto sociólogos e demais pesquisadores que se utilizam da história oral sob uma forma interdisciplinar, como ela deve ser, a HO temática é o formato que muitos consideram como a mais próxima do caráter documental que a HT/acadêmica exige. A própria questão entre fontes orais e escritas varia muito com a concepção teórico-metodológica do historiador, uma vez que posturas teóricas diferentes muito certamente acarretarão em comentários divergentes sobre a legitimidade ou não de relatos orais como uma fonte histórica. Acredito que o historiador usa como fonte aquilo que ele julga que irá contribuir para a construção do conhecimento histórico do assunto que se está abordando. Assim sendo, tudo aquilo que nos fornece informação sobre um período, qualquer ele, que estamos estudando, independente do olhar,

<sup>21</sup> CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. São Paulo, editora Loyola, 1999. Pág. 100.

<sup>22</sup> THOMPSON, Paul. Op. Cit. Pág. 263.

<sup>23</sup> MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. Op. Cit. Pág. 40.

da origem documental, etc. vem sendo cada vez mais percebido e aceito como fonte legítima para interpretação e construção do passado.

As fontes orais nunca são anônimas ou impessoais, como frequentemente são os documentos escritos. A narração e a memória podem conter materiais compartilhados com outros, mas são sempre pessoas individuais que assumem de vez em quando a responsabilidade e a tarefa daqueles que lembram e contam [...] Entretanto, contar [...] depende da presença de alguém que ouça. Uma das coisas que torna as fontes da HO diferentes é que são o resultado de um trabalho comum entre os narradores e o pesquisador, que os procura, que os escuta e que os interroga.<sup>24</sup>

Um outro fator que o pesquisador que utiliza a HO deve ter em mente é que nem sempre esse rememorar dos tempos de outrora pode trazer boas lembranças aos colaboradores, principalmente quando o assunto é doloroso, como no caso desse projeto que trata de uma guerra. Falar sobre o passado pode despertar memórias desagradáveis que, por sua vez, despertam sentimentos intensos que, muito fortuitamente, podem afligir um informante.<sup>25</sup> O autor sentiu o que isso quer dizer em algumas passagens dos colaboradores, principalmente D. Walderez.

Ao incentivar a rememoração do passado levando o entrevistado a revivê-lo e reconstruí-lo, a HO tem uma dimensão transformadora, referida não apenas ao indivíduo, mas também à coletividade. Coloca-se a questão da responsabilidade do pesquisador que, com vistas aos seus objetivos, provoca a rememoração e reavaliação do passado e, especialmente, a questão da ética que deve revestir todo e qualquer estudo acadêmico, mas que se mostra muito presente no trabalho de HO.<sup>26</sup>

Essa ética se mostra das mais variadas formas. Procurei, sobretudo, respeitar os períodos de silêncio e olhares distantes: entendi que naquele momento os colaboradores estavam realmente revivendo a si e ao mundo acontecimentos de mais de 60 anos diante de mim. Me senti honrado com essa permissão.

Como entender o silêncio que permeia a performance? Existem várias formas de silêncio: o silêncio carregado de significados, o silêncio intervalo e estratégia de chamar atenção do leitor. Silêncio não é a ausência da “palavra”, de linguagem, de sentido, mas é ele próprio linguagem que possibilita os sentidos. Ele é relevante na prática da HO por “significar”, e significar é relacionar-se com o texto, com o mundo e com as pessoas. Percebe-se assim a riqueza das performances: o presente ativa as verdades do medo, do sonho, da intenção e do plausível no curso do tempo.<sup>27</sup>

## AS ENTREVISTAS REALIZADAS E SUA TRANSCRIÇÃO

Onde deve ser feita a entrevista? Deve ser um lugar em que o informante se sinta à vontade. Em geral, o melhor lugar será sua própria casa. Isso é particularmente verdadeiro no caso de uma entrevista centrada na infância ou na família. Uma entrevista no local de trabalho, ou num bar, irá ativar mais fortemente outras áreas da memória [...]<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> PORTELLI, Alessandro. Op. Cit. Págs.168-169.

<sup>25</sup> THOMPSON, Paul. Op. Cit. Pág. 272.

<sup>26</sup> LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *História oral e migração*. In *Oralidades: revista de história oral*, nº 2, jul-dez/2007. Pág. 29, editora da NEHO, São Paulo, 2007.

<sup>27</sup> ALMEIDA, Juniele R., AMORIM, Maria A., BARBOSA, Xênia C. *Performance e objeto biográfico*. In *Oralidades: revista de história oral*, nº 2, jul-dez/2007. Pág. 108, editora da NEHO, São Paulo, 2007. Para maiores informações sobre o silêncio, além das óbvias, consultar: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *As formas de silêncio*. Campinas: UNICAMP, 1992.

<sup>28</sup> THOMPSON, Paul. Op. Cit. Pág. 265.



O local escolhido para a realização das entrevistas com os ex-combatentes, Sr. Abel e Sr. Acyr, foi justamente a Associação dos ex-combatentes do Brasil, seção Alagoas, por ser um lugar impregnado de representatividade, acervos e por lá seus associados sentirem-se mais à vontade com suas recordações.

É, portanto, um lugar de memória.<sup>29</sup> Fica sediada no centro da cidade de Maceió, na rua senador Luís Torres, nº 293 (próximo ao quartel da Polícia Militar). As entrevistas foram feitas em dias diferentes, em locais diferentes da instituição e de forma individual. A qualidade das gravações mostrou-se relativamente satisfatória, já que o autor não possuía um aparelho profissional para captação das vozes.<sup>30</sup> Alguns trechos das entrevistas foram perdidos devido ao ambiente externo: no caso do Sr. Acyr, porque a entrevista fora realizada no pátio de entrada da Associação, no começo tranqüilo, mas que momentos depois mostrou-se muito barulhento.

A entrevista com D. Walderez foi realizada, a pedido dela, numa unidade do SESC de Maceió, no bairro do Poço, por lá ela sentir-se familiarizada com o local e ser onde ela pratica musculação. No caso dela, também alguns trechos se mostraram inteligíveis quando ouvidos posteriormente por conta de uma pequena reforma no local escolhido para a entrevista após o início desta. Todos os colaboradores mostraram-se com uma saúde mental privilegiada, grandes leitores, tanto dos assuntos da guerra em si como de uma forma geral. Pude sentir com muito gosto que são pessoas bem informadas e com muito vigor físico. Não houve qualquer impedimento e/ou barreira por parte deles para começarem a narrar suas memórias para esse estudo.

No caso dos ex-combatentes, foi só dirigir-me à Associação, sem nenhuma pré-entrevista ou agendamento: ela está aberta nas segundas, quartas e sextas-feiras das 08:00h da manhã até meio-dia e se encontra de portas abertas a estudantes, professores e demais interessados – seus sócios, posso dizer com total franqueza, irão recepcionar os visitantes com muito gosto. Assim como o Museu da II Guerra Mundial, é uma excelente oportunidade para professores realizarem atividades extraclasse e visitação com alunos. Apresentei-me como um estudante de História da UFAL que estava interessado em registrar suas memórias do tempo da guerra.

Essa apresentação foi de forma simples e direta. A contrapartida não demorou nada e foi muito cortês: logo fui convidado para conhecer a Associação por dentro, suas instalações e convidado a sentar-me para dar-mos início à entrevista. Pedindo sempre autorização verbal para a gravação dos momentos, procurei não ser tão formal no início.

---

<sup>29</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo. Projeto História. Pontifícia Universidade Católica, nº10, dez. 1993.

<sup>30</sup> O aparelho usado para este fim foi um X-Sound! MP4 Player modelo 005C com capacidade para 4 gigabytes, não é um aparelho de captação de voz profissional.

Nunca comece fazendo uma abertura formal ao microfone: “esta fita é de fulano entrevistando beltrano em tal lugar”; isso é uma coisa que formaliza e esfria o ambiente. Você pode deixar um espaço livre no começo da fita para acrescentar isso depois, se quiser – não antes, porém, porque pode ser reproduzido quando você fizer o teste inicial da gravação.<sup>31</sup>

Assim, demos início. Como pude perceber, no começo os colaboradores mostraram-se um tanto quanto tímidos, mas logo isso foi superado. O respeito por suas falas e atenção da nossa parte é indispensável.

Um dos postulados fundamentais, que deve balizar todo profissional que se disponha a trabalhar com a memória, registrando-a através de entrevistas, é o fato de que a fala do entrevistado deve ser absolutamente respeitada. Ao entrevistador cabe a obrigação profissional e ética de ouvir tudo que é descrito com a maior atenção, consciente de que o entrevistado não deve ou não tem obrigação de atender a quaisquer que sejam as expectativas teóricas/metodológicas da pesquisa que então se realiza.<sup>32</sup>

Feita a gravação da entrevista, temos agora outro importante e custoso passo: a transcrição do oral para o escrito, ou seja, o corpo documental da oralidade. A princípio, transcrevi as falas em estado “bruto”, contendo as perguntas (entrevistador) e respostas (nome do colaborador). Em seguida, foi feita a textualização dessas entrevistas “puras”. A textualização também é uma forma, ainda que incompleta, de tentar reviver o ambiente e atmosfera na ocasião da entrevista em sua plenitude: sons/gestos/emoções, etc. da maneira mais próxima possível de como foi dito, como risos, silêncios, gestos corporais, etc., mas excluindo-se repetições, vícios de linguagem – tudo para tentar fazer o texto ser corrido, limpo, fácil de ser lido. É essa textualização que apresento nos capítulos seguintes, conforme orientação recebida.

A passagem do oral ao escrito não se faz de uma oralidade esquemática, teórica, primitiva, para uma escrita civilizada, mumificada, distanciada, cartorial ou científica, mas de uma oralidade viva e vivida, múltipla e polifônica, dialógica em seu desenvolvimento e constituição, para uma escrita ficcional, aberta, virtual, que potencializa a oralidade e o vivido, sem conter um significado naturalizado e sem naturalizar.<sup>33</sup>

Contudo, mesmo realizando essa transcrição/textualização, sofremos ainda algumas perdas irreparáveis à sensibilidade: a visualização dos gestos, os sinais que acompanham a fala, silêncios, sorrisos, caretas, imagens, posturas corporais, entonação de voz sem contar significados diretamente ligados à musicalidade e beleza da fala.

Outro ponto bastante importante é a questão da devolução. O historiador e/ou pesquisador das demais áreas que se utilizam da HO tem o dever e responsabilidade ética de devolver a história às pessoas cujas palavras ajudaram e muito a construí-las.

O compromisso com a “devolução” dos resultados do projeto é condição básica para se justificar um projeto de HO. A condição “para quem” deve ficar explicada, pois os projetos que se valem de entrevistas cumprem sempre um papel social. Seja para instruir teses, dissertações, compor acervos ou funcionar

---

<sup>31</sup> THOMPSON, Paul. Op. Cit. Pág. 270.

<sup>32</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo. 3º edição. Editora Contexto, 1994, pág. 150.

<sup>33</sup> CALDAS, Alberto Lins. Op. Cit. Pág. 104.

como alerta temático, os textos estabelecidos, em primeiro lugar, devem ser devolvidos aos protagonistas geradores e, conforme o caso, à comunidade que os provocou.<sup>34</sup>

Muito humildemente, cópias dessa monografia em seu estado final serão entregues aos seus colaboradores: uma para a Associação dos ex-combatentes seção Alagoas e outra para D. Walderez de forma virtual (e-mail) já que ela se encontra morando temporariamente em outro estado. A cópia física dela está devidamente guardada esperando seu retorno em (espero) breve à terra dos caetés. Alguns detalhes: onde há sublinhagem, considero como pontos essenciais de suas lembranças e argumentações, que devem ser interpretadas com maior cuidado pelo leitor; e nas partes da transcrição/textualização onde se vê símbolos colchetes com palavras ou frases em itálico em seu interior, significa que:

- 1) São pequenos comentários do autor em relação às falas dos colaboradores. Resolvi fazer isto para que alguns trechos de suas falas fiquem mais compreensíveis dentro do contexto naquele momento;
- 2) Ou são gestos/atitudes dos narradores durante a entrevista, como já dito anteriormente, para ajudar a reproduzir, mesmo que, obviamente, sem a mesma magnitude e representação, a atmosfera do ambiente onde deu-se a entrevista, porém nem todos esses gestos percebidos foram descritos.

---

<sup>34</sup> MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. Op. Cit. 2007, pág. 17.

## CAPÍTULO II

### TRÁGICO ENCONTRO NO BELO OCEANO

Folheando um exemplar da revista Super Interessante<sup>35</sup> na parte destinada às opiniões dos leitores, me deparo com uma velha fotografia em preto e branco de uma criança com o braço esquerdo enfaixado ao lado de uma enfermeira com a seguinte mensagem:

“UMA LEITORA SOBREVIVENTE:

Na reportagem ‘Pearl Harbor no Brasil’, li o relato de uma criança sobrevivente do naufrágio do navio Itagiba. Essa criança sou eu. Me chamo Walderez de Moura Cavalcante, tenho 72 anos e moro em Maceió. Gostaria apenas de esclarecer um detalhe: realmente fiquei horas flutuando em uma caixa de leite no mar, mas saí sem ferimentos. Fui parar no hospital por causa de uma queda que levei após o salvamento. Muitos não acreditam que eu esteja viva. Quando conto minha história, pensam que estou fantasiando”.

Walderez Cavalcante, Maceió-AL

Qual foi minha surpresa e entusiasmo quando descobri que havia uma sobrevivente das ações de guerra de um submarino alemão em nosso litoral tão perto de mim! Logo tratei de buscar informações para manter contato com D. Walderez pela internet. Descobri que ela possui um blog<sup>36</sup> onde relata parte de sua história de vida na guerra aos leitores virtuais. Após uma breve troca de e-mails onde me identifiquei e mostrei meu interesse em registrar suas memórias para uma pesquisa, ela, muito gentilmente, me forneceu seu número telefônico pessoal e o celular de uma de suas filhas. Em seguida, marcamos um encontro onde deveria ser realizada a entrevista. Já conhecia a história do naufrágio do Itagiba pelos alemães mas desconhecia a presença de uma sobrevivente “logo ao lado”. Falemos brevemente sobre o *Itagiba* e seu algoz, o U-boat<sup>37</sup> *U-507*.

De construção inglesa, lançado pela primeira vez ao mar em 1915 e pesando 2.035 toneladas brutas, pertencente à Companhia Nacional de Navegação Costeira e tendo como comandante o capitão José Ricardo Nunes, esse navio havia deixado o porto de Vitória-ES às 06h00min da manhã do dia 15 de agosto de 1942 com destino a Salvador-BA. Vale ressaltar que, nessa data, o Brasil ainda não havia declarado guerra à Alemanha, nosso estado oficial para com o Terceiro Reich<sup>38</sup> era o de rompimento de relações comerciais e diplomáticas, visto que Vargas, então presidente-ditador governando sob a bandeira do Estado Novo, já se alinhara definitivamente com os Estados Unidos, seja na concessão de bases aéreas e navais, seja no comércio de matérias-primas destinadas à indústria bélica, o que era obviamente prejudicial à Alemanha. Outros navios brasileiros já haviam sido afundados por diferentes submarinos alemães como represália.

---

<sup>35</sup> Super Interessante, edição 285 – dez / 2010, pág. 15.

<sup>36</sup> [www.sobreviventeitagiba.blogspot.com.br](http://www.sobreviventeitagiba.blogspot.com.br)

<sup>37</sup> Abreviatura para *Unterseeboot*, em alemão, ou em bom português “navio submerso”, ou seja, submarino.

<sup>38</sup> Terceiro Reich foi o período legado à história alemã sob o regime de Adolf Hitler: 1933-1945.

O navio era usado, sobretudo, no transporte de passageiros e pertencia à classe dos *Itas*, tão saudosamente lembrado por pessoas que viviam nesse período, visto que as condições de transporte entre as regiões litorâneas do Brasil naquela época se davam principalmente através das vias marítimas, já que as estradas eram poucas, de péssima qualidade (excetuando-se as das grandes cidades) e o transporte aéreo ainda era muito caro, destinado aos muito abastados. O Itagiba levava 181 pessoas, sendo 60 tripulantes e 121 passageiros, a maioria militares que seguiam para diversas guarnições da 7ª Região Militar, que englobava os estados de Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte, na defesa de nosso litoral. Até então a viagem ocorria sem nenhum problema, na maior naturalidade, inclusive com festas e jantares ao som de uma orquestra.

No dia 17 de agosto, às 10h55m<sup>39</sup>, na altura do farol do Morro de São Paulo, ao sul de Salvador (tão perto de seu destino e da costa!) numa manhã ensolarada típica do nordeste brasileiro, o Itagiba sofreu um grande abalo que causou pânico a todos a bordo: acabara de receber um torpedo, não se viu de qual direção! O comandante deu sinal de alarme geral e, apesar do treinamento recebido, o pânico instaurou-se. Afundando cada vez mais rápido, pois o torpedo havia atingido a casa de máquinas, soltando muita fumaça, os sobreviventes procuravam descer os botes salva-vidas e acomodar-se dentro.

Muitos gritos, muitos gemidos. Sangue. Loucura. O navio estava ao fundo em 10 minutos. Na explosão e no caos que se seguiu, faleceram 10 tripulantes e 26 passageiros. Um outro navio que se encontrava nas redondezas, o *Arará*, comandado pelo capitão José Coelho Gomes, de pequeno porte, observou a tudo e foi ao seu encontro na tentativa de ajudar os sobreviventes, não sabendo que não havia sido um acidente e sim um torpedeamento a causa daquele desastre. Ao se aproximar do Itagiba, parando seus motores e tendo sua tripulação ocupada no resgate dos primeiros náufragos, foi sua vez: o mesmo U-507, que ainda se encontrava no local à espreita, como bom lobo oportunista que era, lançou mais um torpedo certo. A sorte não estava com o Brasil naquela manhã de outono. Morreram mais 20 tripulantes do *Arará* e algumas pessoas foram náufragas *duas vezes* no mesmo dia. Finalmente, o iate *Aragipe*, horas depois, seguindo os rastros de destroços pelo mar, apareceu sem ser visto pelo submarino e recolheu os primeiros sobreviventes do Itagiba e *Arará*, sendo seguido depois pelo vaso de guerra *Rio Grande do Sul*, da nossa Marinha de Guerra e pelo saveiro *Deus do Mar*, terminando assim os salvamentos em mar. Foi realmente uma manhã e tanto. Os sobreviventes foram deixados na cidade de Valença, na Bahia, para cuidados médicos – o que foi muito necessário. Foi nesse contexto que nossa colaboradora viveu, viriam outros.

Cabe aqui um pequeno relato de um outro sobrevivente do Itagiba, que pode nos ajudar ainda mais a imaginar como foi essa tragédia:

---

<sup>39</sup> CAMPBELL, Herbert. *A marinha mercante na Segunda Guerra: recordações de sua luta*. Rio de Janeiro, editora Record, 1993. Pág. 78.

Vi companheiros serem puxados por tubarões, dando gritos de dor e desaparecendo em seguida. Outros pareciam perder o juízo, proferindo frases sem nexos, como “quero ir a pé” e “quero café”, antes de afundarem.<sup>40</sup>

O U-507 foi o submarino que mais destruição e luto causou ao Brasil na guerra. Mais de seiscentos brasileiros morreram diretamente devido às suas ações, fora outras tantas centenas de deformados, incapacitados física e psicologicamente.<sup>41</sup> Entre suas vítimas brasileiras estão os navios *Baependi*, *Aníbal Benévolo*, *Araraquara*, *Itagiba*, *Arará* e a barça *Jacira*. Seu capitão, o homem que caçou e deu ordem para lançamento dos torpedos era o experiente Capitão-de-Corveta Harro Schacht. Possuía um currículo respeitável dentro da *Kriegsmarine*, a marinha de guerra alemã: casado, 35 anos de idade, dois filhos, aparência física do ariano perfeito, com residência fixa em Hamburgo, começou sua carreira militar com 18 anos, em 1926.<sup>42</sup>

Apesar das vidas e destinos de D. Walderez e Schacht se entrelaçarem naquela manhã de agosto num dos mares mais belos do mundo e esse encontro tanto ter mudado sua existência, a vida nos submarinos não era nada fácil, muito pelo contrário. Cabe aqui uma pequena e interessante amostra do cotidiano num U-boat:

Para atacar os inimigos em pontos tão distantes de suas bases, pagava-se um preço alto. A longa permanência no interior de um submarino era extremamente desgastante, um teste de resistência que poucos suportavam. Em um ambiente asfíxiante e insalubre apenas o comandante e o imediato tinha cômodos individuais. Os suboficiais dividiam um outro cômodo e o restante da tripulação – 50 homens em média, que incluíam maquinistas, eletricitas, artilheiros e especialistas em escuta – se espremiavam entre tubos, alavancas, torpedos, aparelhos medidores, tanques de lastro, geradores, alimentos e equipamentos em geral. Os beliches dobráveis ficavam em meio a toda essa parafernália. O calor intenso fazia com que em alguns compartimentos os tripulantes trabalhassem sem camisa. As longas jornadas tornavam comuns os casos de claustrofobia. Se por esse ou qualquer outro motivo houvesse abandono do posto ou desobediência ao comandante o caso era julgado pelo Conselho de Guerra, podendo o infrator ser condenado à morte. Além disso, o barulho era intenso. Era causado principalmente pelo funcionamento dos motores a diesel, que tornava o ar quase irrespirável. A tensão constante se multiplicava pelos ruídos externos captados por um hidrofone. Com a rápida propagação do som debaixo d'água, podia-se ouvir até uma ferramenta caindo no piso do convés de uma embarcação que se aproximasse. O pingue sonar, que indicava que a presença do submarino poderia estar sendo detectada por um navio inimigo, trazia ainda mais apreensão e, nesses momentos, um silêncio mortificante tomava conta de todos, pois a qualquer momento poderia ser lançada uma bomba de profundidade. Era a senha para se emergir o máximo possível, e aí a pressão do ar se tornava difícil de suportar. Muitos passavam mal. De um modo geral, o grosso da tripulação era formada por jovens marujos recém-saídos da adolescência. No fim de uma viagem, estavam transformados. Embrutecidos, exibiam inevitavelmente as marcas da guerra. A barba crescida, a face vincada, com sulcos profundos e as olheiras proeminentes. Elas denunciavam a perda da inocência, causada tanto pelo inevitável desgaste psicológico quanto pelo ritmo de trabalho puxado.<sup>43</sup>

A revolta e apelo popular diante da carnificina efetuada por Schacht e os tripulantes de seu U-507 - fartamente divulgados pela imprensa e por relatos de sobreviventes - reinvidicando a entrada do Brasil na guerra contra a Alemanha veio de fotografias e filmes em que d. Walderez

---

<sup>40</sup> SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva. 2007. Pág. 197.

<sup>41</sup> PEDROSA, J. F. Maya. Op. Cit. Pág. 26.

<sup>42</sup> SANDER, Roberto. Op. Cit. Pág. 182.

<sup>43</sup> Id. Págs. 51-52.

aparece sozinha e ao lado de seu pai, Sr. Octávio. Eles foram os símbolos escolhidos do “ultraje à família brasileira” usados com muita inteligência pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) varguista para justificar nossa participação no conflito, que se espalhava pelo mundo como uma epidemia e parecia não ter freios. O Itagiba foi a gota d’água para o governo brasileiro à soberania nacional, declarando guerra ao Terceiro Reich no dia 22 de agosto - dias depois da tragédia. Um filme produzido pelo DIP que teve ampla circulação nacional, seja apresentado em praças públicas ou nos cinemas, no período narra:

“Walderez Cavalcante, uma encantadora garotinha de quatro anos. Viveu, entretanto, um dos mais impressionantes episódios do afundamento do Itagiba. Atirada ao mar com a explosão do torpedo, conseguiu agarrar-se a uma caixa vazia, ficando assim ao sabor das ondas até ser salva. Justa e tocante é, pois, a homenagem que aqui lhe prestam as crianças baianas. Walderez é filha do tripulante do Itagiba, Octávio Cavalcante, e aqui a vemos fazendo companhia a seu pai, que se acha hospitalizado”.<sup>44</sup>

Capa de jornais de grande circulação na época e em revistas famosas como O Cruzeiro e Manchete<sup>45</sup>, involuntariamente D. Walderez tornou-se símbolo das agressões alemãs contra o Brasil e, de certa forma, ajudou na propaganda pró-guerra que Vargas tanto buscava. Vamos deixá-la finalmente falar agora.

---

<sup>44</sup> Cine Jornal Brasileiro Vol. 2, nº 146. A própria D. Walderez sofreu uma burocracia tremenda para ter acesso à esse vídeo, solicitado diretamente ao Ministério da Cultura, sendo liberada uma cópia de 3 minutos onde ela aparece.

<sup>45</sup> O JORNAL, caderno dois, edição de 23 de janeiro de 2011, pág. B3.

## D. WALDEREZ, O U-507 E O ITAGIBA.

“Brasileiro precisa saber o passado do seu país. Brasileiro não sabe. Não sabe por que pisa nesse chão hoje. Não valoriza. Isso era pra ser muito valorizado. O Brasil que não tem passado como é que pode ter futuro?! Se ele não sabe seu passado?!” (Walderez Cavalcante)



**Walderez Cavalcante, ao lado do pai no hospital.**

**A entrevista se deu no ginásio do SESC/Poço, localizado no bairro do Poço, na cidade de Maceió, Alagoas, no dia 24/01/2011 com início às 10h25min da manhã.**

Sou Walderez Cavalcante, nasci a 22 de novembro de 1938 aqui em Maceió, na rua Jangadeiros Alagoanos. Olha, era assim: meu pai trabalhava muito. Eu, como nasci no dia do aniversário dele, ele achava que eu tinha sido o maior dos presentes! Éramos muito unidos. Então onde ele fosse ele queria que eu estivesse junto com ele. Meus padrinhos eram daqui mas foram morar no Rio de Janeiro. Ele me levou para o Rio, pra casa da minha madrinha, quando ele foi pra Santos. Na volta de Santos ele me pegaria e me trazia, nessa vinda para Maceió foi que tudo ocorreu... O *U-507*. Me disseram que alguns mergulhadores conseguiram o diário de bordo do *U-507*, dos naufrágios, eles tão fazendo um documentário financiado pelo MISA. Inclusive eles têm o diário do submarino. Ele foi afundado aqui na foz do rio Parnaíba no Piauí, foi bombardeado.

No Itagiba tinha uma bomba d'água. Eu estava perto dessa bomba d'água com uma vassoura, brincando de varrer, ele desceu a escada correndo, me pegou pela cintura, até uma baleeira [*pequeno barco salva-vidas*]. Antes de a gente entrar na baleeira, o navio fazia muita fumaça, soltava muita fumaça [*ênfase vocal se referindo à fumaça*]. Você não vê! Você não vê! Só sente o impacto, né? E alguém fala: “fomos bombardeados!” Aí começa o desespero pela vida, né? O clima não foi calmo não, só que tem hierarquia. 10 minutos já tava no fundo! Muita fumaça, mas nós tivemos navios que foram ao fundo com 3 minutos. O torpedo atingiu a casa de máquinas. É tanto que a primeira baleeira que saiu, o *Arará* que ouviu o apito de socorro veio atrás para recolher o pessoal. A primeira baleeira eles recolheram e o *Arará* foi pro fundo também! Pelo mesmo *U-507*! E muitos deles morreram!



Foi um trauma. Depois daquilo... Eu só fui falar disso há pouco, há uns três anos, quatro anos atrás, antes eu não conseguia falar. Porque pra gente foi difícil, porque o navio quando adernou o mastro caiu em cima da baleeira e partiu a baleeira pelo meio, então todo mundo foi pra água. E daí é que alguém me pegou, né, porque na baleeira tem uns suprimentos alimentares e de água e me botou numa caixa de leite moça vazia... Aí ele me encontrou. A minha própria escolha pelo curso de psicologia no CESMAC [instituição de ensino superior de Alagoas] pode refletir isso: eu queria muito, assim, me trabalhar mais. Achei um bom curso e exerci a profissão por uns quinze anos. Meu próprio pai continuou trabalhando no mar depois de tudo isso... [silêncio] O meu avô, pai da minha mãe, já era enfermeiro da Marinha. Da Marinha do Brasil. Até hoje é muito doloroso... Não, não houve nenhuma indenização por parte de nenhum governo. Ao contrário, o Getúlio pegou a minha foto com meu pai e estampava nos lugares que ele podia convocando o pessoal à guerra “pela família ultrajada”.

A Nestlé foi que me deu uma boneca e, na época, um conto de réis, que naquela época, meu pai dizia, que uma passagem de avião custava três contos de réis...Entendeu? Isso você vai encontrar numa tese de mestrado ou é de doutorado de Minas Gerais, na pesquisa dele de Minas Gerais e hoje ele é professor da Universidade de Santa Maria em Porto Alegre. Fiquei até de encontrar com ele, porque ele quer muito me conhecer mas eu não tive oportunidade, eu vou agora dia 14 eu to viajando aí dessa vez eu quero encontrar com ele. A Nestlé, algum tempo depois, quis bancar minha educação toda, ela [a Nestlé] se comprometeu a financiar, mas que eu fosse pra São Paulo mas minha mãe não deixou, embora aqui não tivesse nada... Eu sei que até hoje, você vê, a educação de Alagoas ainda tá muito... A primeira escola que eu fui estudar foi o Diegues Júnior, que hoje não é mais grupo escolar, é alguma coisa da... Da educação... Comecei a estudar aqui com cinco, seis anos.

Aqui sou eu e meu pai no hospital [me mostrando algumas fotografias ao lado do leito do Sr. Octávio, seu pai, as mesmas usadas largamente pelo DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda para fins propagandísticos]. Olha aqui, tá vendo? Essa é a boneca que a Nestlé me deu [apontando para outra fotografia, ela segurando a boneca que ganhou de presente] e me deu um envelope que tinha um conto de réis. Foi pouco! Aqui são fotos de pessoas que foram náufragas e esse aqui era o médico do Itagiba [apontando para fotografia da tripulação sobrevivente do Itagiba].

Você sabe de uma coisa? Hoje eu, assim, eu não culpo a Alemanha. Não, eu não culpo a Alemanha. Sabe por quê? Por que existia a Carta do Atlântico. Mas... O Getúlio era simpático ao regime da Alemanha. E como é que você não está em guerra e faz o Trampolim da Vitória em Natal? [termo muito usado na época que refletia a importância estratégica e geográfica de Natal no contexto da guerra atlântica e no norte da África] Pense... Você vê, o caso da Olga Benário: ela,

como brasileira, sendo esposa de brasileiro e grávida de um brasileiro, ele [Vargas] jamais poderia ter entregue ao nazismo, a Olga Benário pra morrer num campo de concentração, sabe? São coisas assim. Agora que a Alemanha já era um país sofrido, miserável, que eles tinham perdido a Primeira Guerra e por isso eles tinham que pagar todos os prejuízos que eles causaram, até as ovelhas, até os bezerros que nasciam era pra pagar a dívida e o povo não agüentava mais, né? Tinha que ir pro tudo ou nada. Eu acho que se a gente tivesse no lugar deles faria o mesmo. Isso é horrível, o holocausto é uma coisa que não tem palavras... Não tem... Mas em relação ao Brasil, não... Eu não posso dizer que não sou sua inimiga se eu estou brigando aqui contra você...

Com sete anos eu viajei novamente de navio, tinha quatro na época do torpedeamento. Fiz o maior escândalo no cais. A imagem do navio apitando e a fumaça. Fumaça negra... [silêncio] Depois dessa choradeira toda, desse escândalo todo que eu fiz pra não entrar no navio, depois meu pai veio, as pessoas vinham também porque já me conheciam, me convenceram a entrar que não ia acontecer nada e eu entrei... Depois com nove anos de idade, nós saímos daqui e fomos morar no Rio de Janeiro. Chegamos numa sexta-feira, numa segunda-feira minha mãe morre de acidente de trem, que a gente tinha ido morar em Anchieta, em Mesquita [localidades do Rio de Janeiro], e o acidente de trem foi em Anchieta. Aí foi que virou o “samba do crioulo doido”, né. Cinco crianças sem ter ninguém, porque nessas alturas meu pai já tinha viajado pra Santos. Ficou um na casa de um, um na casa de outro, que a vida da gente foi assim, até que um amigo do meu pai conseguiu uma casa pra ele na vila... [áudio incompreensível].

Olha, na época da guerra, quando eu voltei pra casa, porque meu pai ficou em Salvador, no Hospital Português, eu é que vim pra cá, então foi uma época muito difícil. O meu tio trabalhava na alfândega... E meu tio, depois outros navios foram ao mar e aquilo que vinha boiando, entende? Depois de afundarem. Muitas vezes alimentos como batatas, como, assim, uma coisa pouca assim, como café cozido, então isso eles recolhiam, entendeu, e levavam pra casa. É muito difícil a situação: não tem luz, água não existe, é racionada, luz não existia porque, aqui em Maceió é que não existia mesmo né, mas tinha luz à noite e a noite nem luz você tinha, a partir de 10 horas da noite apaga tudo! Era blackout!<sup>46</sup>

*[Com o estado de guerra e o medo de invasão e/ou bombardeio, a rotina da população alagoana na costa mudou: blackouts, treinamentos, vigilância do litoral, sigilo, racionamento de alimentos e combustível. Medo. A propaganda estadonovista encarregou-se de alimentá-lo. Houve também uma campanha nacional para recolhimento de materiais utilizáveis na indústria de guerra,*

---

<sup>46</sup> Apagão geral – medida que visava não dar aos submarinos alemães um ponto de referência luminoso costeiro durante a noite, dificultando sua mobilidade e localização de possíveis alvos, já que a silhueta de navios que navegavam com as luzes desligadas ficava visível com a luz da cidade ao fundo. Foi uma atitude padrão de todas as cidades litorâneas brasileiras durante a guerra.

*principalmente metais. Cláudio Alencar nos trás um interessantíssimo e inusitado fato ocorrido em Maceió]:*

“No quartel da polícia militar de Alagoas havia uma rádio ‘Esforço de guerra’, dirigida pelo tenente Sabóia, do Exército, que promovia campanha de recolhimento de material que servisse à fabricação de artefatos bélicos, como alumínio, prata, cobre, etc. o qual era enviado às tropas aliadas. Josué Júnior, fundador da Rádio Difusora de Alagoas, apreciado jornalista do ‘Jornal de Alagoas’, participou desse esforço de guerra como locutor. Interessante também é que, no dia 15 de setembro de 1945, o jornal ‘A Notícia’, vespertino que circulou em Maceió, publicava a seguinte nota: ‘Alagoanos: sintonizai o vosso rádio, diariamente, das 20 às 21 horas, na onda de 32 metros a fim de ouvires a PYN-2 na sua fase experimental.’

No dia 01 de outubro de 1945, na página 02, o mesmo jornal publicava: ‘na Crônica ‘Um pouco de Alagoas’, de autoria do alagoano Alpheu Domingues, transcrito do Diário de Pernambuco, de 28 de setembro de 1945, pelo referido vespertino maceioense, seu autor, então nos Estados Unidos, asseverou haver tido, por mera casualidade, uma surpresa, explicando que, quando se achava à procura de uma emissora do Rio de Janeiro para ouvir-lhe os programas de rádio, deu com essas palavras: ‘Está falando dos Martírios, na frequência de 32,2 metros, irradiando para Alagoas’. Era a PYN-2.’<sup>47</sup>

Meus amigos nem sabem da história. Estão sabendo recentemente depois que fiz o blog na internet, participei de uma matéria no jornal<sup>48</sup> e me identifiquei na Super Interessante<sup>49</sup>. Porque, primeiro, naquela época veio não sei quem de São Paulo falando pra eu não comentar, pra eu não falar. E até hoje, quando eu falo... Por causa desse jornal... Não dormi no dia que eu fui ao cais... [referindo-se à matéria do “O Jornal”]. Mexe muito! Mas o mar me acalma! Chego ali na Jatiúca e digo pra minha filha: a porta da minha casa está aberta! Ali é minha casa!

*[Nesse momento, me referi ao livro “Eu acuso”<sup>50</sup> e expus a teoria daquele autor sobre a verdadeira autoria dos ataques aos nossos navios ocasionando nossa entrada na guerra. O Itapagé é um dos navios citados como tendo sido afundado pelos americanos disfarçados de alemães]*

Quer dizer que aqui ele acusa os Estados Unidos? Não. [Parte muito importante da entrevista, D. Walderez recusa-se mesmo a folhear o referido livro]. Não, isso não é verdade! [em tom muito sério]. Os Estados Unidos, através da carta do Atlântico, obrigava ao Brasil a não ficar neutro nessa história, na iminência dele [Hitler] atacar o nordeste brasileiro. Então foi por isso que foi construída a base naval de Natal [Rio Grande do Norte] que é o Trampolim da Vitória. Entende? Mas quem atacou realmente esses navios foi o U-507, comprovado pelo Karl Dönitz [Almirante alemão, comandante da Kriegsmarine] e foi condecorado pelos seus feitos heróicos. No tribunal de Nuremberg, que pegou 10 anos de reclusão e quando saiu, saiu como herói!<sup>51</sup> Discordo

<sup>47</sup> ALENCAR, Cláudio. *Contando histórias, o rádio em Alagoas*. Maceió, editora Sergasa, 1989. Pág. 82.

<sup>48</sup> O JORNAL, edição de 23 de janeiro de 2011. Caderno Dois.

<sup>49</sup> Revista Super Interessante, edição 285 – dez / 2010

<sup>50</sup> GAMA, Sylvio von Söhsten. *Eu acuso*. Op. Cit. Pág. 23.

<sup>51</sup> O tribunal de Nuremberg foi realizado pelos países vencedores após o fim da guerra, na cidade de mesmo nome, para julgar os alemães considerados culpados por iniciarem, insuflarem e terem praticado “crimes de guerra e contra a

completamente! É tanto que o *U-507* foi bombardeado aqui na foz do rio Parnaíba, meu filho! Por americanos, por um bombardeiro americano, tripulado por americanos e brasileiros! Isso era uma teoria que se tinha mas depois o almirante [*Dönitz*], quando deu a carta livre para que o comandante do *U-507* tivesse acesso livre, a coisa foi dura... Não li o livro, mas... Porque o real da história, a gente sabe que no fim, era outra coisa... Pensou-se, muito antigamente, que era o americano que fazia isso tudo, né, se pensou. Mas hoje em dia... O relato do Karl Dönitz, ele relata que deu para o... Esqueci o nome do comandante... Para o comandante ter acesso livre pra fazer o que queria! Então ele botava navio ao fundo e, se pudesse, ainda metralhava todas as pessoas que estivessem por cima, entendeu? Que estivessem querendo se salvar, ele metralhava. A barça *Jacira* era uma barça que carregava látex, né? E eles botaram no fundo, mas o Brasil não sabia onde. Agora, com esse diário de bordo, foi que eles localizaram a barça *Jacira*... Já localizaram e o látex que tinha lá virou uma gosma.<sup>52</sup>

Eu quero deixar pra você o seguinte: devia ter teste de sanidade mental. Me refiro à Hitler, à Vargas e a tantos outros mais que nós temos aí. Você veja que os Estados Unidos prometeram ao Brasil que se ele entrasse em guerra, faria o maior desenvolvimento siderúrgico do país. O que o americano fez? Construiu a CSN, Companhia Siderúrgica Nacional e Fernando Henrique vendeu a preço de banana. E a vida desses pobres infelizes, né, ficou valendo o que? Ninguém nem lembra que eles existiram, nem que eles lutaram... Olha, o brasileiro devia saber história. É um povo que, olha, eu cheguei num determinado lugar, lugar, assim, da elite e alguém me perguntou: “a senhora ainda lembra do seu naufrágio no Titanic?” O Titanic foi ao fundo em 1912! É isso que, sabe, que me deixa assim... Aquele sentimento de desprezo por quem já foi, sabe? [grande período de silêncio]. E essas pessoas são de uma corporação... “Como? A senhora desceu com o navio pro fundo do mar?!” Brasileiro precisa saber o passado do seu país. Brasileiro não sabe. Não sabe por que pisa nesse chão hoje. Não valoriza. Isso era pra ser muito valorizado. O Brasil que não tem passado como é que pode ter futuro?! Se ele não sabe seu passado?! [tom de profunda indignação] Ele não sabe por que pisa hoje livre nessa terra! A FITS [*outra instituição de ensino superior de Maceió*] fez um trabalho sobre a Segunda Guerra Mundial, né, e me fizeram uma homenagem... O pessoal tava bem interessado. Estou até devendo isso pro meu neto: o estudo de Porto Alegre é

---

humanidade” durante o conflito. Grandes personagens da Alemanha nazi foram ali sentenciados, vários à pena de morte, como o Reichsführer Heinrich Himmler (comandante das SS e Gestapo), Hermann Göring (comandante da Luftwaffe, força aérea alemã) o próprio Karl Dönitz da Marinha de Guerra e vários outros.

<sup>52</sup> *Jacira* era uma barça de 89 toneladas que estava navegando de Belmonte para Salvador, transportando cacau, piaçaba, caixas com garrafas vazias e um caminhão desmontado. Vinha sob o comando do mestre de pequena cabotagem Norberto Hilário dos Santos, seu proprietário. Sendo avistada e abordada pelo *U-507* no dia 19 de agosto, esse agosto sangrento, foi intimada a parar. À tiros de canhão e metralhadora, montados na parte externa do submarino, foi ao fundo. Felizmente, seus ocupantes foram autorizados a abandonar a embarcação num pequeno bote, numa rara atitude de benevolência por parte de Schacht, que poderia muito bem ter matado a todos os cinco tripulantes e um clandestino que se encontravam a bordo. Antes de afundá-la, os alemães examinaram sua carga e tiraram fotografias. DUARTE, Paulo de Q. *Dias de guerra no Atlântico Sul*. Rio de Janeiro, BibliEx, 1968. Pág. 115.

diferente do estudo daqui. Então eles, a partir de pequenos, eles tem um dia em que eles têm o tema deles. Então cada um vai lá pra frente [*da sala de aula*] e conta a história que eles acham que mais atrai, né? Então ele [*o neto de d. Walderez*] foi pra escola e falou sobre o meu caso. Então os meninos ficaram enlouquecidos! Eles já me conheciam, mas não sabiam da minha história, entendeu? E agora eles querem que eu volte lá para contar a história para eles, no colégio Província de São Pedro! [*sorrisos*]. Em relação aos governos, [*sinhal negativo com a cabeça*] uma vez eu tive com Vargas, lá no Catete quando era pequena. Só dessa vez que o vi, tirei outras fotografias ao lado dele. [*Palácio do Catete, localizado no Rio de Janeiro, então distrito federal, residência oficial do presidente na época*].

Eu botei no meu blog: símbolo da resistência. [*semblante feliz*] Porque com quatro anos sair de uma situação daquela... Passei duas horas à deriva. Eu fui a última a ser recolhida do *Itagiba*, em alto-mar, por uma fragata, um negócio assim, ele nos resgatou, resgataram primeiro o meu pai, então meu pai perguntou por mim e disse: “se minha filha não viver, eu também não quero”. Então eles avistaram muito longe, alguma coisa que eles não sabiam o que era e quando se aproximaram era o caixote comigo dentro. Eu não tive absolutamente nenhum ferimento! Eles vieram com um cobertor preto, né, que eu lembro como se fosse hoje e eu disse que não queria, que não estava com frio. Depois fomos levados para a cidade de Valença, que era a mais próxima, na Bahia. Então, meu pai foi direto pro Hospital Português e eu fiquei na casa do prefeito de Valença. Nessa casa havia uma escada de madeira e eu, brincando, caí e quebrei o braço [*risos de ambos*] aí fui me juntar ao meu pai no hospital e eu garanto a você que eu tava feliz da vida, que eu tava junto com ele!

E o Getúlio, que era simpatizante do nazismo? Fez foi negócio. Sei que muitas vidas foram ceifadas a troco de nada. Porque era uma turma, era uma... Não é turma que fala é outro nome, de 100 mil homens. Na primeira leva foram 25 mil homens, não é isso? E esses 25 mil homens eram analfabetos, camponeses que serviram de bucha de canhão pra eles. É preciso que o povo brasileiro estude, saiam dessa miséria em que vivem, não é? Pra saber, pra ver os outros horizontes, né? Ver o porquê que se desenrolam as coisas na sua frente e ele não sabe, é um cego. Como é que você manda um pelotão analfabeto? [*ênfase*]. Desnutrido, lavrador... O que é que um lavrador entende de tiro? O que é que um lavrador entende, não é, que você tem que passar com aqueles... Arapú... Não sei mais o nome do carro... O que você acha que ele vai fazer ali, o quê? O Brasil... Hoje a guerra não é mais como antigamente. Porque era com aquelas armas que se conhece: baioneta calada, né? Você vê que o convento de Salvador foi tomado lá e morreu muita gente na base da baioneta. Hoje em dia a guerra é diferente. Então é preciso que todo o povo esteja estruturado pra uma nova situação que vem aí, por causa da Amazônia! Se eu não estiver viva, você relembre o que eu tô te explicando: vem uma guerra por causa da Amazônia. O americano ensina nas suas escolas que a Amazônia não pertence ao Brasil! De que jeito ela vem eu não sei mas que ela vem por causa da

Amazônia ela vem! As riquezas minerais, vegetais da Amazônia ninguém ainda descobriu! Ninguém ainda descobriu! Quando você vê assim na reportagem: “uma área de não sei quantos quilômetros do americano fulano de tal”. Pobre não tem dono... Eu vou lhe dizer uma coisa e que fique registrado: hoje em dia não se faz mais homens de vergonha! Veja os escândalos de mensalões da vida, escândalos de não sei o quê, tudo roubando do povo, não é? Eu tenho orgulho de ser brasileira e da terra onde eu nasci! Que é uma terra miserável, mas miserável que eu digo é na pobreza, na educação, entendeu como é? Eu queria que isso aqui fosse... Uma cidade do sul. Que ela não é tão grande, não é tão difícil de se governar, não é? E fazer florescer aqui no Nordeste uma cidade de verdade. A distribuição de renda é muito mal feita. Você veja que dentro do centro a miserabilidade é muito grande. Hoje em dia já retiraram mais [?]. Mas essas crianças nesses pontos de ônibus, onde você passa de carro lhe cercam pra pedir dinheiro, pedir esmola. Aquilo é a coisa mais absurda que eu já vi. São vários “brasis” dentro de um Brasil só. Você vai pro sul, é uma região que tem educação, é uma região que tem... O necessário pro camponês, ele tem seu pedacinho de terra, onde ele planta, né? Você vê... Aqueles descendentes de italiano, de alemão, todo mundo na sua roça, não é? Mas todo mundo sobrevive dali. E o Nordeste tem terras, né? O Nordeste tem terras! O que falta são os governantes não olharem só pra eles! Olhem pra esse povo miserável que tá aí! Olha, eu ando muito. Eu ando muito. Mas quando eu vou chegando de avião eu sempre peço: “meu deus, abençoa a terra onde eu nasci!” Só deus tendo pena. O coronelismo ainda impera, não é? Gostaria de, se um dia voltar, eu quero voltar em Maceió e quero encontrar uma coisa melhor. Eu adoro Maceió! Minhas filhas: “vem, larga aí essas coisas e vem morar aqui, vem pro sul!” Eu não vou. “Vai pra Recife!” Eu também não vou. Meu lugar é aqui. Porque você sente uma diferença grande... Você vai à Curitiba... Vá a Curitiba. Veja aquele aspecto, aquela coisa toda, aquela infraestrutura toda... Vá pra Aracajú! E o brasileiro, onde fica? Se você for aqui pro litoral norte você vê aqueles casebres miseráveis, aquelas casas feitas de palha com porta de palha, né? Aquilo é abaixo da linha da pobreza. E não tem ninguém que olhe para aquelas criaturas, isso entristece. Uma filha ligou pra mim ontem a noite e disse: “mãe, como é que a senhora... O estado que a senhora ama a senhora chama de miserável?” Porque nessa reportagem [*referindo-se à matéria do "O Jornal"*] eu falei que tenho orgulho em ser brasileira e da terra onde eu nasci embora seja uma terra miserável. Mas uma terra miserável, que eu quis me referir, é nessa distribuição de renda, tá entendendo como é que é? Nessa disparidade. Você vê uns com tanto e outros que não tem nem uma cama para dormir. Nesse sentido que eu falo, da miséria humana. Eu já tô com 73 anos, não vou viver muito... Eu sou uma pessoa muito real. Eu sou uma pessoa muito real... Já não tenho mais muito tempo de vida e não tenho tempo suficiente pra ver Alagoas como eu gostaria de ver. Meu filho, só se for um milagre! [*risos*]. Porque não tem como! Enquanto houver este coronelismo... Você faz um concurso! Você faz um concurso! Público! [*entonação de voz*] “Você é

de que família?”, “Você foi indicado por quem...?”, “Mas eu fiz um concurso e tirei nota 9,9 o fulano ficou muito abaixo de mim”. Mas você não tem indicação, o outro tem... O outro entra e você fica... Mas isso aí é tipo uma comissão, tipo uma votação, entende? Pra desembargador, pra não sei o quê, tem aquela patota que se reúne e votam... E a gente boa que tiver e não se encaixar dentro dessa panela, pula fora... Não fica. É um sistema viciado. Eu nunca precisei porque eu entrei pra IAPETEC (*Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas*) em 1962. Eu entrei com interina. Depois fiz concurso, entende? Pedi transferência pra cá e daqui eu segui a minha vida, né? Fui estudar no CESMAC, depois eu fiz um concurso, entende? Fui aprovada. Então eu não tenho do que reclamar. As minhas filhas também não tem do que reclamar porque formaram-se, são médicas. Cada uma é cada uma. Uma tá em Porto Alegre, outra tá em Recife e a outra que é analista de sistema mas tá sem arranjar emprego, tá aí...Ela já tá fazendo Alagoas Cursos [*cursinho preparatório para concursos públicos em Maceió*], tá fazendo curso lá pra ver o que vai dar... Meu conselho a todos brasileiros é: leiam, leiam bastante! Porque o homem que não lê é ignorante. Tudo que se refere ao Brasil se refere a nós. Seja de que maneira for, seja de bom, seja de ruim, se refere a nós [*silêncio*].

*[fim da entrevista, pois D. Walderez tinha um outro compromisso no SESC. Após o encerramento da gravação, ainda conversamos um bocado caminhando pelo interior do SESC, aproveitando para registrarmos o encontro com algumas fotografias].*

## MARINHA DE GUERRA À CAÇA DA SUÁSTICA

A Segunda Guerra Mundial começou em terra firme, no continente europeu, oficialmente no dia 1º de setembro de 1939 quando Hitler ordenou a invasão da Polônia reivindicando antigos territórios perdidos ao final da Primeira Guerra (1914-1918). Com o desenrolar da guerra, não demorou muito para que ela se espalhasse por vários outros locais do globo e o oceano virasse um campo de batalha gigantesco, sendo suas águas o túmulo definitivo de milhares de pessoas.

Na tentativa, quase exitosa, de cortar os suprimentos de matérias-primas entre os aliados, que era a chave da vitória principalmente para a Inglaterra e União Soviética, tão dependentes das indústrias norte-americanas, que era feita, sobretudo, via mar, Hitler e o alto-comando naval impuseram uma guerra com gosto de água salgada: era mais do que claro que carregar mercadorias para países em guerra com a Alemanha representava um grande perigo ao Reich.

No início, esses navios mercantes levavam suas cargas solitários, desarmados. Após a flotilha de submarinos mostrar sua cara e afundar milhares de toneladas de navios e bens, a navegação, mesmo civil e neutra, passou a ser comboiada por navios da Marinha de Guerra que garantiriam, ou assim muitos acreditavam, sua proteção contra os lobos cinzentos submersos. Não só fornecendo segurança à essa grande massa de metal que circulava pelo litoral brasileiro e em todo Atlântico Sul com suas cargas valiosas e que ajudavam na derrota da Alemanha, nossa Marinha de Guerra deu caça aos submarinos, atacando, avariando e destruindo vários deles ao longo do litoral nordestino, inclusive em águas alagoanas, onde o U-128 teve-a como túmulo no dia 17 de maio de 1943<sup>53</sup> assim como na defesa dos portos atuando como fortalezas flutuantes e guarnecendo pontos vitais da nossa costa.

A instrução para a vida no mar era de objetivo fundamental por parte da Marinha, visto ser o Brasil um país com uma vastíssima costa.

A hora trágica que estamos vivendo exige de todos os bons brasileiros a máxima solidariedade. As agressões que temos sofrido precisam ser repelidas e a Marinha, no seu setor, vem agindo dentro das possibilidades materiais com decisão e energia.<sup>54</sup>

Porém, o funcionamento de um navio não se deve apenas ao seu capitão ou sua reduzida cúpula de oficiais. Para navegar e exercer todas essas funções militares como devia ser, dezenas e dezenas de marinheiros suam “por trás das cortinas” e todos eles possuem uma importância vital nessa engrenagem: do eletricista ao escrevente, do artilheiro ao cozinheiro, do vigia ao imediato. É uma pequena parte desse grupo, suas recordações pessoais da guerra, suas amarguras, seus orgulhos e uma pequena parte de suas experiências que nos interessa aqui.

---

<sup>53</sup> SANDER, Roberto. Op. cit. Págs. 220-221

<sup>54</sup> Palavras do almirante brasileiro Aristides Guilhem In. SIMÕES, Raul Mattos A. Op. Cit. Pág. 45.



## ABEL SILVA DO AMOR DIVINO

**A entrevista se deu na sala do diretor da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Secção de Alagoas, localizado no bairro do Centro na cidade de Maceió às 09h17min do dia 21/05/2010.**

Me chamo Abel Silva do Amor Divino, nascido no dia 28 de maio de 1926, sexta-feira em São Miguel dos Milagres, nesse ano não era município, nesse ano pertencia ao município de Porto de Pedras, hoje é município. Fui voluntário, aprendiz. Ah! Eu era jovem! Eu fui pra Escola de Aprendizes Marinheiros em Recife com 16 anos. Passei nove meses, depois de nove meses terminei, já era a guerra, que a guerra foi declarada dia 31 de agosto de 1942, o Brasil contra a Alemanha e eu fui pra Natal terminar o curso de aperfeiçoamento de marinheiro e jurar bandeira. Dali, depois que jurei bandeira, passei seis meses lá, depois de seis meses lá, peguei um navio destróier de guerra, o *CT Bracuí* [contratorpedeiro] e viajei pra Recife. Em Recife, embarquei no couraçado *São Paulo*, na Marinha de Guerra que servia como fortaleza no porto. Minha função era a de escrevente. Depois que me tornei marinheiro, me inteirei no curso de escreve e me tornei escrevente. A especialidade, né? A alimentação à bordo naquela época era excelente. Comida boa.

No pós-guerra eu viajei pra Europa, conheci vários países: Alemanha, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Portugal, Espanha, Líbano, fui à terra do Saddam no Iraque. Eu tava num petroleiro e fui bater lá! E Líbano! Passei 15 meses fora do Brasil, rodando por lá. No pós-guerra, né? Durante a guerra estava em Natal, de Natal fui pro Recife, cheguei no Recife a guerra acabou. Terminou o período lá... Tomaram Berlim, Hitler suicidou-se, como é conhecido e eu então fiquei a bordo do *São Paulo*. Do *São Paulo* [navio], fui para o Rio de Janeiro [cidade], que era a base da Marinha. No Rio de Janeiro fiquei até ser integrado em outras unidades da Marinha [no pós-guerra], então embarquei no [áudio incompreensível], embarquei no primeiro distrito naval, embarquei no *José Bonifácio*, embarquei no *Ilha Grande*, esse que eu viajei, petroleiro, vários embarques, né? É marinheiro, tem que chamar embarque.

Eu achava tudo aquilo que os alemães faziam horrível né, rapaz! O Hitler não brincava! O Hitler matava até as crianças que nascessem defeituosas! Mandava eliminar! Pelo menos era o que eu conhecia! O Hitler pegou o pessoal da... “Da cristão” e tirava todo o sangue! Tinha um nome... Como é? Como é que dá o nome? [pensativo] Esqueci o nome... Concentração? Campo de concentração! No campo de concentração todo mundo ficava com o couro e o osso dele tanto tirar o sangue! A guerra foi terrível! Morreram durante a guerra, você nem vai saber, vai se estarrecer, uma

base de oitenta milhões! A Rússia foi que mais perdeu gente! Aproximadamente isso.<sup>55</sup> A Rússia fez até, num rio pequeno, um riacho, pra poder a turma, as tropas passarem, os mortos serviram de ponte: cada um por cima do outro, pisando, pra poder atravessar, pelo menos era o previsto lá.<sup>56</sup> Olha, eu passei no pós-guerra, passei lá numa trincheira da França. Aonde eles, no Dia D [6 de junho de 1944], mais de cem navios de guerra, por ordem do Eisenhower, que era o chefe das forças, na época, aliadas, mandando tudo pra terra! Aquela terra é francesa, acho... Normandia! E na Alemanha, tudo arrasado! Tudo destruído!<sup>57</sup> Olha, rapaz, não é bom nem lembrar desse negócio! Nem é bom nem de ter guerra! Como agora, O Irã tá querendo... [silêncio].

Naquela época era guerra, né? Na época de guerra era difícil. Eu não podia falhar nem podia você falhar comigo. Senão já teria um atrito, porque já teria que levar ao conhecimento das mais altas autoridades. Se você praticar alguma coisa que vá beneficiar o alemão, a gente tinha que ser contra. E aí vice-versa. A situação foi tão ruim aqui no Brasil que parte dos alemães que existiam aqui faziam estação de rádio no cemitério, ninguém ia desconfiar! Todo cemitério não tem capela, não tem esses negócio? Ali se escondia... Ah... O alemão se abrigava, passava mensagem: “vai sair um navio, tal, tal, tal, vai sair do Rio de Janeiro”. Porque se fazia um comboio... Era a chamada “quinta-coluna”!<sup>58</sup> Fazia-se comboio do Rio de Janeiro, ou de Santos, até o Mar das Caraíbas para entregar para a 4ª Esquadra Americana, depois o navio voltava pras suas costas e o americano assumia a esquadra de lá. Os navios sempre tiveram o apoio dos amigos americanos. Eu vou até dar um dos estatutos a você... [Neste momento, seu Abel se levanta de sua cadeira da sala do diretor e vai até a sala destinada a documentos (!) relativos à Associação e me traz dois livretos: “Estatutos” e “Regimento Interno” da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil Secção de Alagoas].

A parte da Marinha foi uma parte importante! A Marinha teve um navio, que uma bomba estourou, uma mina, ou qualquer coisa, em alto-mar, deixado pelos alemães, naquela passagem

---

<sup>55</sup> Eric Hobsbawm muito sabiamente nos diz que: “Suas perdas são literalmente incalculáveis, e mesmo estimativas aproximadas se mostram impossíveis, pois a guerra (ao contrário da Primeira Guerra Mundial) matou tão prontamente civis quanto pessoas de uniforme, e grande parte da pior matança se deu em regiões, ou momentos, em que não havia ninguém a postos para contar, ou se importar [...] As baixas soviéticas foram estimadas em vários momentos, mesmo oficialmente, em 7 milhões, 11 milhões, ou na faixa de 20 ou mesmo 30 milhões. De qualquer modo, que significa exatidão estatística com ordens de grandeza tão astronômicas? HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. 2ª edição. São Paulo, editora Companhia das Letras, 2008. Pág. 50.

<sup>56</sup> Realmente, a situação no front oriental/soviético foi o mais catastrófico e dramático de toda a guerra.

<sup>57</sup> Sobre o olhar do Sr. Abel àquela destruição toda: “Todo olhar é olhar histórico. Ele não é uma função, mas um desdobrar e um projetar interioridades sociais, sendo instaurado como algo a ser conhecido ou reconhecendo esse mesmo conhecido. Principalmente porque sua instauração se dá dentro de redes culturais e seu exercício é sempre proposta dessas mesmas redes: não vemos senão essas “grades” e suas projeções [...] Não se vê biologicamente, mas no fluxo vivo da comunidade: quem vê não é o olho, mas um cérebro devidamente sociabilizado.” CALDAS, Alberto Lins. Op. Cit. Pág. 29.

<sup>58</sup> Quinta-coluna foi o nome dado aos súditos do Eixo, principalmente alemães e/ou seus descendentes, em território brasileiro, que praticavam atos de espionagem e tentativas de sabotagem em benefício do Reich.

entre os rochedos São Pedro e São Paulo e a África, que é o mais próximo do Brasil e a África. Ali tinha aquela mina, que tinha atração, ímã, explodiu e partiu o navio! [*Partiu em dois*]. Eu naveguei num daquele, ó! [*aponta para um quadro na parede, onde existe um navio de guerra num porto*]. Dessa classe! Mas esse aí é até pequeno! Agora o que foi a pique foi o cruzador *Bahia*, grande! Dava três desse, de tamanho, ou mais, largura muito maior, uma altura muito maior! Era um cruzador, é entre ligeiro e pesado, é médio. Rapaz, era muito grande... Servi no couraçado *São Paulo*, couraçado *São Paulo* tinha quase duzentos metros de tamanho, a couraça dele, a blindagem era quase trinta centímetros! Torpedo nenhum varava ele! Era aço! Quando a couraça é muito forte, não ultrapassa!

Olha, a guerra não é brincadeira não! Não é brincadeira não! [*dá leves palmadas na mesa*]. Ninguém confia no outro. Tá do lado, é amigo, mas sei lá... Do jeito que foi a guerra... O Brasil de primeiro não foi pra guerra, ficou neutro e depois teve que entrar! O povo pediu! E eu fui, graciosamente, pra escola menino, dezesseis anos, com dezessete já estava servindo, fazendo serviço, dormia até com chapéu na cabeça, o cachangá, todo uniformizado, tinha vez que nem tirava a botina, dormia com botina e tudo, pra caso precisar ir pro posto de combate senão ia responder o conselho de guerra e ninguém queria responder. Era o Tribunal Militar! “Por que você chegou atrasado? Por quê?” [*pergunta hipotética perante um tribunal*]. Você tinha que estar... Às vezes vivia mole, de dormir pouco. Disciplina pesadíssima. Não podia nem olhar pra um oficial como eu tô lhe olhando. Ia logo pro livro de castigo. O livro de castigo era pra punir os infratores. Dava dez dias de rigorosa [*preso numa cela*], dois, três, quatro... Era no próprio navio, era um bailéu que tinha no navio. Rapaz é um negócio sério! Tem que imaginar mesmo. E naquela época que o Brasil era apagado, hum? O Brasil era apagado, meu filho... País rico! No norte ao sul e tá aí, tá demonstrando... Porque tem gente que larga o sarrafo no Brasil e nem se mexe... Se mexe não... Bom, não quero falar de política não que deus me livre.

Racismo na Marinha? Naquela época ninguém esperava fazer isso não, porque todo mundo era uma unidade, era unissonamente favorável contra a guerra. Eram todos brasileiros! Ninguém podia usar de racismo... Embora o americano teve, né? No pós-guerra. Pra mim um negro é igual a mim, qual a diferença? A cor? Então, quantas cores tem no mundo? O céu é azul, o mar é azul, né? Não aparenta como azul? Então pronto. Qualquer cor é cor, mas qualquer um é igual! Isso é coisa lá da Europa. Mas aqui não tinha isso não. O pessoal podia dizer que não gostava, né? Alguém: “ah e eu lá gosto de ‘nego’”. Mas dizia mais de brincadeira! Os negros no Brasil pertenciam a Marinha, pertenciam ao Exército, pertenciam a Aeronáutica. Não é descendente de índio também? A nossa cor não tem diferença. A vida do mundo mesmo é assim, tem países que é só branco, mas tem países que é só negro, como na África mesmo. Mas deus sabe o que faz.

Recebi medalha, citação... Deixa eu mostrar a você. [*Nesse momento, Abel se levanta mais uma vez e vai buscar alguns documentos originais: Diploma da Medalha de Serviços de Guerra e Documento que Consta ter Recebido Terço de Campanha*].

Tem citação, tem diploma, a medalha que eu ganhei [*apresenta uma cópia em xerox*] e terço de campanha [*vai colocando os documentos em cima de sua mesa na diretoria*]. Recebi à bordo do *São Paulo* em seis meses de guerra, eu. Assinado pelo Ministro Renato de [*áudio incompreensível*]. E eu fui prejudicado e até hoje não tive uma promoção porque fizeram uma lei tirando o direito, aumentando o tempo pra recebimento e eu sabia mas tinha guerra [*áudio incompreensível*] aí não fui [*áudio incompreensível*]. Isso aí é o Diploma de Guerra! [*Certo tempo do autor lendo os documentos enquanto seu Abel os fica olhando*]. A gente precisava ser mais olhado, meu amigo. Isso aí é a confirmação que eu fiz a guerra... Leia, leia essa citação! [*Uma das grandes “regras” da História Oral é que o entrevistador/pesquisador deve falar o menos possível, deixando a palavra para ser usada pelo narrador/colaborador como ele quiser. Mas diante de tal pedido, não pude negar a leitura dos documentos*].

**Entrevistador lendo o documento:** Marinha do Brasil, Conselho do Mérito de Guerra. Cabo escrevente Abel Silva do Amor Divino, pelos serviços prestados durante a Segunda Guerra Mundial, ao lado das Nações Unidas, contra os países do EIXO, em cooperação com a Quarta Esquadra dos Estados Unidos da América, pelo desempenho de várias tarefas contra o inimigo comum a fim de assegurar as comunicações marítimas necessárias à obtenção da vitória, tornou-se merecedor da Medalha Naval de Serviços de Guerra. Assinatura, capitão-de-mar-e-guerra, secretário do conselho de mar e guerra...

**Abel:** O nome dele é Rui de Almeida Guillon. Não, é Rui Guillon de Almeida. Isso aí se escreve pra ninguém copiar, né? [*refere-se à rubrica*]. E aqui é o diploma, leia o diploma também!

**Entrevistador lendo o documento:** Diploma da Medalha dos Serviços de Guerra, criado pelo decreto número três mil e noventa e cinco de treze de dezembro de mil novecentos e quarenta e três. O presidente da República dos Estados Unidos do Brasil resolveu conferir ao cabo escrevente Abel Silva do Amor Divino a Medalha dos Serviços de Guerra tendo em consideração os valiosos serviços prestados ao país e, para constar, mandou expedir o presente diploma, assinado pelo ministro da guerra. Rio de Janeiro, quatorze de maio de mil novecentos de cinquenta e três.

**Abel:** É, aí foi quando distribuíram, né? Tá vendo? É um direito... Pois eu não recebo nada. Oficialmente, não tem. Lei não tem, pelo menos eu não tenho conhecimento. Não tem. Não sobressai nada de melhoria alguma. Tem que ser igual a toda classe de ex-combatente. É a mesma coisa, o direito de um é do outro. Tem o plano de saúde da Marinha, mas eu pago! De graça não temos nada! Tudo pago, até pra eu me enterrar eu pago à Marinha! É pago do imposto de renda, né? Que foi descontado, foi. Nessa idade, oitenta e tantos anos... Participei disso tudo, porque

padecemos à beça [semblante cansado]. No pós-guerra, peguei um temporal, foram sete dias dentro do temporal com o nome de ciclone. Tudo dentro da Marinha, porque eu era da Marinha... [*grande período de silêncio*]. Seja o presidente da República e “legime” uma lei em benefício dos ex-combatentes. Eu não sei qual é o direito que eu tenho, eu não tenho direito nenhum, praticamente igual, como os outros têm. Eu poderia ter da Marinha, ou sem ser da Marinha, é a mesma coisa... Olha ali aquele quadro, já viu o pessoal já? [*aponta para um quadro grande com as fotografias dos cinco alagoanos da FEB mortos em combate em terras italianas. Quadros com as fotografias desses soldados estão espalhados por todo o primeiro andar da Associação. É como se a lembrança daqueles que, de fato, deram a vida pela causa, fosse uma memória constante por onde se anda no local. São “heróis” no meio militar, sempre lembrados e reverenciados*].

Esse prédio da associação é do estado, entregue pelo então governador Afrânio Lages. É doado enquanto existir ex-combatentes - acabou ex-combatente, reveste pro estado de novo. Tá escrito na lei. Pelo menos concedeu esse prédio. O resto não sei, porque o presidente [*da Associação*] não era eu, o presidente era o senhor Souza Pereira que foi da FEB. Foi ele quem arranjou. Chegou a CEAL ontem aqui (Companhia Energética de Alagoas) e impôs a gente modificar a situação de energia daqui. A gente vai gastar, nem tem dinheiro, não sei como.

[*Fim da entrevista: chegou uma antiga amiga do senhor Abel e começamos a conversar sobre temas variados. Ela o tratava carinhosamente por “tenente Abel”*].

## ACYR DE BARROS COSTA

**A entrevista se deu no pátio externo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Secção de Alagoas, localizado no bairro do Centro na cidade de Maceió às 08h45min do dia 19/05/2010.**

Meu nome é Acyr de Barros Costa, nasci em 3 de setembro de 1926 em Atalaia. Era estudante. Estudava no colégio Guido, nem sei se existe ainda, lá no farol [*bairro de Maceió*]. Depois entrei na marinha de guerra, entrei justamente na época da guerra, em 1943. Quis servir. Eu estava no colégio quando saltei, desci a ladeira, peguei um ônibus, morava na Levada, aí encontrei um amigo que ia servir na Marinha né, aí como é que é? Vai lá na Capitania e se inscreve [*Capitania dos Portos de Alagoas*] aí fui na onda dele, fazer a mesma coisa. Fui à Escola de Aprendizes, fiquei lá nove meses, depois embarquei para o Rio de Janeiro e começou a vida de guerra aí. Eu fui voluntário, porque fui pra Escola de Aprendizes, né? Particpei de vários comboios na guerra, depois desembarquei no Rio de Janeiro depois da guerra e fiquei lá.

O treinamento foi... Eu servi no *José Bonifácio*, era um navio auxiliar de guerra, aonde carregava os pracinhas aqui pelo nordeste, né? Conheci muitos lugares, Rio de Janeiro, Fernando de Noronha, e aí depois desembarquei e embarquei no *São Paulo* [*navio de guerra*], que fez base no Recife [*esse navio ficou ancorado no porto da cidade de Recife como uma espécie de “fortaleza flutuante”, preparado para uma possível confrontação contra submarinos alemães que já rondavam aquela área*]. Do *São Paulo*, fui pro Rio de Janeiro onde servi no *Baependi*. O navio era um destróier. Aí fui pegando prática, a cada mês que passava a gente aprendia mais, né? Nos navios minha especialidade era eletricista.

Achava que quando o navio suspendia [*zarpava do porto*] não tinha hora pra voltar, né? Porque o alemão tava atacando tudo que era navio aqui na costa brasileira, então a nossa preocupação... A gente novo não tinha problema, porque todo mundo era novo, dezessete, dezoito, dezenove anos, mas a maioria das pessoas mais antigas, como o comandante, o imediato se preocupava com a guarnição e com a navegação, né? Era um negócio sério! Nossa alimentação era normal, o navio abastecia quando ia suspender [*zarpava*], abastecia no porto, a Marinha abastecia o navio com tudo. Tudo que se comia aqui comia a bordo. Alimentação normal.

Tanto aqui como em alto-mar, o americano nos guiava, nos dava serviço, nos orientava... Era uma... Uma... Como se diz... Era uma energia profunda com os americanos. Eles davam o serviço total, davam a profundidade que o submarino tava, aí... Despertava a atenção de toda guarnição, né? Naquela época não tínhamos navios que eram equipados pra guerra, mas navegava comboiado. O navio uma vez deu um adernamento, eu tive um problema no joelho, mas graças a Deus foi sanado. Tava no navio, navio recebeu uma ordem de voltar rápido, ele guinou de vez,

quando ele guinou de vez a onda veio e pegou no navio aí naquilo eu ia descendo a escada, aí eu bati o joelho na ferramenta... [silêncio] Acidente de trabalho, mas graças a deus deu tudo bem.

Atacamos um submarino lá perto de Angra dos Reis! Botou o som<sup>59</sup> e aí o navio botou bomba e depois subiu um bocado de óleo [na superfície], sinal de que ele desceu [foi afundado ou seriamente danificado]. Ali tinha um aparelho de escuta [do navio] acusa a profundidade, então você regula a bomba para determinada profundidade, aí ela desce, bum! Quando chega naquela profundidade ela explode! Quem estiver nas imediações, já era, né? Mas acontece o seguinte, não houve sobrevivente porque ele afundou [de fato, a taxa de sobrevivência para submarinistas era mínima quando sua embarcação era atacada no fundo do mar. O túmulo do submarinista era, geralmente, o próprio submarino].

Eu tinha que requerer para receber medalhas de guerra, mas eu não requeri. O Abel requereu e recebeu, mas eu não requeri. Na época não requeri. Agora, no fim da vida, não vou requerer mais, quero nada. Quem requereu, recebeu. Mas naquela época eu tava no Rio de Janeiro, comecei a trabalhar no Rio de Janeiro, já tava licenciado, aí fiquei trabalhando na Capitania dos Portos do Rio de Janeiro e passei despercebido, era um garoto novo, né? Não me importava muito.

Olha, o relacionamento com os oficiais, dentro da disciplina militar, era bom. Cada um sabia seu papel à beça. Então, você era um comando, né? Você cumpria as ordens que recebia. Se o comandante reúne a guarnição ele fala aquilo que tem que falar. Aí você mentaliza aquilo e vai dentro daquelas possibilidades suas. Cumprimos ordens. Se existe ainda uma coisa na Marinha é ordem. É ordem. Disciplina é o primeiro item. Muita disciplina. Então... Era uma família. Tinha navio que era uma família. Do comandante à base era uma família só. Tava todo mundo na Marinha, tava vendo a qualquer momento acontecer o pior, então é uma família só. No meu tempo não tinha racismo não... Existia em 1935, 32, existia racismo, né? E também uma coisa, nunca eu presenciei deslocamento. Ficar deslocado um preto... Não tinha isso não. Era uma família só. Tinha aquelas brincadeiras que você via: “vem cá, ô crioulo!” Brincando, né? Mas dentro de um respeito. Primeiro eu subi de posto para cabo [neste momento da entrevista chega uma pedinte na porta da Associação. Seu Acyr se levanta e dá um trocado à mulher. Fico em meu lugar observando. Ele retorna e senta-se novamente]. Terminei a guerra como cabo. No dia que acabou a guerra eu estava em Porto Alegre, recebemos aquela notícia com uma alegria imensa, né? Por que nós esperávamos a qualquer momento... E mais alegria porque o Brasil foi um vencedor [sorriso estampado].

---

<sup>59</sup> Ele se refere ao “ASDIC”, conhecido popularmente como sonar. “Essa valiosa ajuda para destruir submarinos empregava um sistema semelhante ao que o morcego usa para orientar-se. O navio emitia um sinal que, se atingia um objeto submerso, era refletido e captado por um receptor. O tempo que o sinal gastava para cobrir o caminho era calculado para dar a distância a que o objeto se encontrava. Quanto maior o intervalo, maior a distância. Cardumes de peixes, mudanças na temperatura da água e perturbações muitas vezes faziam o “asdic” dar alarmes falsos, mas, sem ele, a guerra submarina teria tido um clímax muito diferente”.

MASON, David. *Submarinos alemães: a arma oculta*. Rio de Janeiro, Editora Renes, 1975. Pág. 19.

Festejamos bastante, no mesmo dia o navio zarpou para o Rio de Janeiro, chegando no Rio de Janeiro era uma festa! Foi uma alegria geral, né, nas três forças! [*Referindo-se ao Exército, Marinha e Força Aérea*]. Porque a Marinha tomou parte profundamente na Segunda Guerra Mundial. A aeronáutica também teve na Itália, o exército desembarcou a Força Expedicionária Brasileira, a FEB, e a cobra fumou grosso!

Praticamente o Brasil venceu a área dele, derrotou o alemão na Itália, tomou Monte Castelo e por aí a fora... Várias outras! Depois da guerra continuei na marinha mas em outro setor. [*Nesse momento ele tira a carteira do bolso e faz questão de me mostrar sua certidão militar da Marinha onde consta sua condição de ex-combatente. Depois me mostra sua carteirinha da Associação dos Ex-Combatentes de Alagoas e uma carteirinha especial para circular gratuitamente nos ônibus de Maceió*].

Os meus netos não tem um interesse pela minha história, eles têm um respeito muito grande pelo fato de eu ter feito parte da Segunda Guerra Mundial e por aí a fora... Mas interesse não. Eles não quiseram nem servir as Forças Armadas. Tem dois, um já foi pra Alemanha fazer um curso, outro já foi pra Inglaterra, mas não pensam em servir as Forças Armadas. Já foram chamados, receberam a carteirinha e até logo. Receberam o certificado e até logo. Só se estourar uma guerra no Brasil depois, eles podem ser chamados, né? Não tem jeito, né, tem que defender essa bandeira verde [*e aponta para a bandeira brasileira hasteada na entrada da Associação*].

[*Nessa hora demos uma pausa na entrevista e seu Acyr, muito simpático, me ofereceu café e bolo. Fomos para a copa da Associação. Depois ele me apresentou a Associação por dentro, todos os seus espaços, o primeiro andar, com a biblioteca, almoxarifado, sala de reuniões, auditório, sala do diretor, fotografias, etc. Foi nessa ocasião em que tirei as primeiras fotografias. Voltando à mesa para continuarmos a entrevista, apresento para seu Acyr uma cópia do livro “Eu Acuso”, de Sylvio Von Söhsten Gama, onde o autor literalmente acusa os americanos, fingindo serem alemães, pelo torpedeamento de cinco navios brasileiros, causando centenas de mortes, para forçar a entrada do Brasil na Segunda Guerra no bloco Aliado. Sobre o livro e a posição de seu autor, seu Acyr diz:*

Nada, tu és doido? Sobre isso aí, eu não vou me manifestar, isso aí é um engano muito grande. Porque quem tomou parte na guerra aqui na costa brasileira viu que o alemão... Nós lutamos... Um submarino alemão aqui, foi testemunhado pelo Túlio [falecido ex-combatente alagoano e ex-membro da Associação] junto com os americanos... Você viu esse negócio de Maragogi, com bomba com tudo?<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> Ele refere-se ao achado, no dia 10/05/2010, de minas navais encontradas enterradas sob as praias de Maragogi, litoral norte de Alagoas, durante o período da 2ª guerra mundial com o objetivo de destruir submarinos alemães que rondavam a região e eram vistos frequentemente por litorâneos e pescadores. Apesar do esforço em desarmar estes artefatos, muitos deles ficaram à deriva por conta de mudanças climáticas no decorrer dos anos e o vai-e-vem da maré. O caso repercutiu nacionalmente, levantando hipóteses bem reais de que muitos outros armamentos como esse ainda estarem em nosso litoral, o que é um risco aos moradores e turistas da região, pois estas armas ainda estão ativas. Mais



Ali era tudo mar, ali o exército tomou conta daquilo, proibiu as pessoas de acenderem fogo a noite, luz e cigarro, porque ali era ponto de desembarque do alemão, aquilo era uma área visada do nordeste, o exército tomou conta daquilo lá, de Maragogi. [*Referindo-se à ordem de não dar ao inimigo em mar pontos de localização em terra, visíveis através de fogo e demais luzes durante a noite*]. Tem um ex-combatente, que ele já morreu, que ele assistiu, o navio que ele estava, era da Marinha Mercante, o navio dele foi torpedeado e ele viu o alemão metralhando quem tava querendo se salvar, que era um Navio Mercante, o submarino torpedeou e subiu, ficou vendo tudo iluminado, então ainda matou um bocado... Então, o cara é brasileiro [*referindo-se ao autor do livro em questão*]. Entendeu uma coisa? O Brasil desembarcou na Itália, a Força Expedicionária Brasileira, o nosso armamento tava já tudo perdido, aquilo não serviu pra nada lá, eles iam descendo de bordo e jogando munição e armas e recebendo armamento novo americano! Aquele armamento velho alemão, fuzil 1908 [*referindo-se ao armamento-padrão brasileiro, de fabricação alemã, sucateados e anteriores até à Primeira Guerra Mundial*] foi tudo ficando no cais, e os americanos dando armas novas pra todo mundo! Porque os aliados... A verdade é o seguinte: o Brasil venceu essa guerra com ajuda total do americano... E o americano foi quem mais lutou nessa Segunda Guerra Mundial! Tu acha que eles iam arrasar totalmente os japoneses, que acabaram totalmente com a base naval de Pearl Harbor. Acabou com aquela base, prejuízo danado, o americano se suspendeu... Se não fosse os japoneses terem destruído aquela base, o americano não teria jogado aquela bomba atômica... Já tinha a bomba guardada no final, né?

[*O barulho cada vez maior de vendedores ambulantes, carros de som e a proximidade do horário do almoço deram por encerrada essa parte da entrevista, às 11h50min*].

## CONCLUSÃO

Ainda hoje, trabalhar com história militar no academicismo brasileiro desperta preconceito por acreditarem que esse tipo de campo de pesquisa não evoluiu, estando ainda ligado às obras mistificadoras do passado ou por um certo ressentimento devido à repressão e censura que a academia sofreu durante o período ditatorial de 1964-1985. Isso nos mostra que muito ainda tem/pode ser feito. A história oral, infelizmente também ainda vista com certa desconfiança, muito tem a contribuir com esse objetivo.

É uma pena que os historiadores alagoanos de um passado recente não tenham se atentado à essa questão dos ex-combatentes: a grande maioria desses ex-militares alagoanos já faleceu ou estão indisponíveis para contribuir para este estudo. Foram abandonados, primeiro, pelo Estado. Depois pela própria sociedade do qual fazem (ainda) parte. Muitos enlouqueceram no decorrer dos anos<sup>61</sup>, desenvolveram neuroses e alcoolismo e/ou hoje vivem miseravelmente, principalmente no interior do estado, sem qualquer tipo de assistência e praticamente anônimos. Nem a Associação dos ex-combatentes seção Alagoas tem poder (nesse caso, financeiro) de assisti-los.<sup>62</sup> Seus poucos membros ainda vivos estão dispersos. Muitas memórias foram perdidas para sempre e a história de Alagoas também perdeu com isso, principalmente as memórias dos alagoanos que serviram na Força Expedicionária Brasileira e lutaram em solo italiano e que poderiam fornecer informações extremamente valiosas.

Porém, é lugar-comum nos meios militares em geral, e não seria diferente no Brasil, um grande esforço para se manter uma boa imagem das Forças Armadas perante a opinião pública. Raramente vemos um militar falar mal da força a que serve ou serviu e não foi muito diferente durante as entrevistas realizadas com os ex-combatentes alagoanos, salvo alguns ressentimentos de ordem financeira atual. No caso do Sr. Abel, nota-se um certo sentimento de decepção por ele não receber a sua devida pensão de ex-combatente e até seu plano de saúde, ele com mais de oitenta anos de idade, ser descontado de sua aposentadoria normal como marinheiro e não como ex-combatente. Também podemos notar essa mesma amargura de uma forma mais institucional: o risco da Companhia Energética de Alagoas cortar o fornecimento de energia para a Associação por

---

<sup>61</sup> Um caso que nos chama atenção é o espancamento com objetivo de furto de um ex-combatente do município de Pão de Açúcar, no sertão do estado, chamado José de Góes Cavalcante. Muito conhecido na região como um “profeta”, tem o hábito de escrever mensagens e desenhos com inspiração bíblica nas paredes da casa onde reside. Na década de 1960, percorreu diversos lugares escrevendo sobre as pedras que encontrava ao longo das estradas e morros a frase “Jesus vem breve”. Retirado do site: <http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vEditoria=Interior&vCod=32165>. Acessado em 15/11/2010.

<sup>62</sup> Na minha primeira visita à Associação, tratei logo de conseguir contato com outros ex-combatentes, seja endereços ou telefones, o que me foi negado pela secretária da instituição. Ela afirmou que alguns desses senhores sofreram tentativas de estelionato por parte de falsos advogados, interessados em suas aposentadorias, e que ficou decidido internamente que esses dados pessoais não poderiam mais ser repassados à ninguém sem prévio consentimento. Deixei, então, meus próprios dados para que os ex-combatentes entrassem em contato, mas não obtive resposta.

falta de pagamento – a Associação sobrevive de mensalidades de seus sócios, ajuda de amigos e familiares.<sup>63</sup> O poder público fica de fora dessa esfera e só aparece em tempos de comemorações de datas especiais, como a da independência, onde alguns dos ex-combatentes desfilam em caminhão aberto e acenam para um público que os desconhece; ou em tempos pré-eleições, como nos foi relatado extraoficialmente por algumas pessoas e também pude notar em certos periódicos locais.<sup>64</sup> Outro ponto preocupante é que, assim que o último dos guerreiros vier a falecer, esperamos que ainda demore muito, o prédio da Associação vai reverter pro Estado, pois o contrato de aquisição foi validado enquanto existir ex-combatentes *vivos e associados*. Que será desse lugar de tantas e tantas memórias, tão justa e duramente adquirido, quando o último deles nos deixar? Para onde irá sua biblioteca, suas fotografias, seus símbolos, sua documentação, todo seu acervo? Para algum local novo construído para preservação dessa memória alagoana ou, na mais provável das hipóteses, para as casas dos familiares desses homens, ficando, assim, longe do grande público? E que tratamento dará esses familiares à esse tão rico acervo? São questões que ficam e nos fazem refletir enquanto historiadores e preservadores da memória.

Outro ponto interessante da fala de Abel é o imaginário que se construiu do povo alemão e, sobretudo, do führer: *“Hitler matava até as crianças que nascessem defeituosas! Mandava eliminar! Pelo menos era o que eu conhecia! O Hitler pegou o pessoal da... ‘Da cristão’ (referindo-se aos judeus) e tirava todo o sangue! Tinha um nome... Campo de concentração! No campo de concentração todo mundo ficava com o couro e o osso dele tanto tirar o sangue! A guerra foi terrível!”*.

Salvo certos exageros compreensíveis devido à natureza extremamente brutal que foi a II Guerra, o quão informados estavam esses ex-combatentes, na época, sobre os fatos que se desenrolavam na Europa sob ocupação alemã, principalmente através de informações oficiais do Estado Novo e dos Estados Unidos? Ou será que essa concepção foi formada no pós-guerra, com leituras posteriores num mundo já em guerra-fria? Uma coisa é certa: seja por conta dos torpedeamentos e metralhamentos que se verificaram em nosso litoral, seja por um certo sentimento de estar “fazendo o certo”, nossos ex-combatente embarcaram numa grande cruzada pessoal em que realmente acreditavam ser a coisa correta a fazer e esse orgulho permanece até hoje quando outro colaborador, o Sr. Acyr, nos diz: *“Não tem jeito, né, tem que defender essa bandeira verde”*. Pode ser um orgulho instituído, disciplinado, mas com certeza é sincero da parte deles e algo tão raro de se ver nos dias atuais, pelas gerações mais novas. São também nas palavras de Acyr que notamos

---

<sup>63</sup> Estatutos da Associação dos ex-combatentes do Brasil seção de Alagoas, pág. 27.

<sup>64</sup> O deputado estadual Paulão participou de uma reunião com representantes da Associação dos Ex-combatentes da II Guerra Mundial seção Alagoas, para discutir um projeto de tombamento da entidade como patrimônio histórico alagoano no dia 03/08/2010. Disponível em: [http://paulao.assembleia.blog.uol.com.br/arch2010-08-01\\_2010-08-07.html](http://paulao.assembleia.blog.uol.com.br/arch2010-08-01_2010-08-07.html) Acessado em: 15/09/2010.

uma admiração pelos militares norte-americanos que, verdade seja dita, nos deu todo apoio logístico e material para enfrentarmos os alemães na Batalha do Atlântico: *“tanto aqui como em alto-mar, o americano nos guiava, nos dava serviço, nos orientava... Era uma energia profunda com os americanos. Eles davam o serviço total, davam a profundidade que o submarino tava, aí... Despertava a atenção de toda guarnição, né?”*.

As forças Armadas brasileiras, quando do estouro da guerra, não tinham condições de desempenhar seu papel com eficiência por si só e isso foi notado por todos da cadeia militar: do almirante ao marujo, todos sentiam que não tinham condições materiais de efetuar suas funções como deveriam ser. O apoio americano foi imprescindível nesse assunto.

Entretanto, podemos notar uma faceta não tão nobre: podemos dizer, com base nas narrativas desses colaboradores, que havia um racismo velado dentro da marinha, com base em alguns trechos de suas lembranças?

Abel nos diz: *“Racismo na Marinha? Naquela época ninguém esperava fazer isso não, porque todo mundo era uma unidade, era unissonamente favorável contra a guerra. Eram todos brasileiros! Ninguém podia usar de racismo... Embora o americano teve, né? No pós-guerra. Pra mim um negro é igual a mim, qual a diferença? A cor? Então, quantas cores tem no mundo? O céu é azul, o mar é azul, né? Não aparenta como azul? Então pronto. Qualquer cor é cor, mas qualquer um é igual! Isso é coisa lá da Europa. Mas aqui não tinha isso não. O pessoal podia dizer que não gostava, né? Alguém: ‘ah e eu lá gosto de ‘nego’. Mas dizia mais de brincadeira! Os negros no Brasil pertenciam a Marinha, pertenciam ao Exército, pertenciam a Aeronáutica.”*

Acyr também nos diz: *“no meu tempo não tinha racismo não... Existia em 1935, 32, existia racismo, né? E também uma coisa, nunca eu presenciei deslocamento. Ficar deslocado um preto... Não tinha isso não. Era uma família só. Tinha aquelas brincadeiras que você via: ‘vem cá, ô crioulo’. Brincando, né? Mas dentro de um respeito.”*

Será que, dentro de uma estrutura militar interna onde a oficialidade era predominantemente branca e as pessoas negras ocupavam os postos mais baixos em hierarquia, em plena década de 1940 e numa guerra onde o racismo assolava a Europa e nossos militares acreditavam estar lutando também contra ela, ainda haver resquícios de antigos preconceitos? Essas dúvidas nos permeiam e nos aprofundar nelas pode nos levar a mais dúvidas do que respostas, visto que o assunto é um tabu até em tempos atuais.

Acyr também revela mágoas por sua família não ter um interesse maior por sua história nem o que ele pode ter representado para o Brasil e mais especificamente para Alagoas, como um ex-combatente que lutou contra forças tidas como tirânicas no globo, nem o interesse de seus familiares em servir as Forças Armadas, as quais ele tanto se orgulha de ter feito parte de suas fileiras: *“os meus netos não tem um interesse pela minha história, eles têm um respeito muito*

*grande pelo fato de eu ter feito parte da Segunda Guerra Mundial e por aí a fora... Mas interesse não*". Isto nos leva mais uma vez a pensar qual destino que o acervo da Associação terá no futuro.

Já D. Walderez não culpa a Alemanha pela situação que sofreu mesmo considerando-se, e certamente o é, uma pessoa traumatizada pelo torpedeamento e sendo obrigada a entrar nas páginas da história brasileira como um "símbolo à família ultrajada": *"Você sabe de uma coisa? Hoje eu, assim, eu não culpo a Alemanha. O Getúlio era simpático ao regime da Alemanha. Agora que a Alemanha já era um país sofrido, miserável, que eles tinham perdido a Primeira Guerra e por isso eles tinham que pagar todos os prejuízos que eles causaram, até as ovelhas, até os bezerras que nasciam era pra pagar a dívida e o povo não agüentava mais, né? Tinha que ir pro tudo ou nada. Eu acho que se a gente tivesse no lugar deles faria o mesmo. Isso é horrível, o holocausto é uma coisa que não tem palavras... Não tem... Mas em relação ao Brasil, não... Eu não posso dizer que não sou sua inimiga se eu estou brigando aqui contra você..."*

Achar que a Alemanha agiu de acordo com as necessidades do momento e que o Brasil poderia ter feito o mesmo se estivesse naquela situação nos mostra (ou nos demonstra) uma mentalidade e caráter sem ressentimentos, seja para com Hitler, seja para com Dönitz e, em último caso, para com Schacht. Talvez o curso superior em psicologia tenha-a ajudado nesse sentido, além do óbvio apoio familiar que ela sempre teve.

Porém, ela possui um pensamento oposto ao dos ex-combatentes sobre a importância e competência da FEB na Itália: *"Como é que você manda um pelotão analfabeto? Desnutrido, lavrador... O que é que um lavrador entende de tiro? O que é que um lavrador entende, não é, que você tem que passar com aqueles... Arapú... Não sei mais o nome do carro... O que você acha que ele vai fazer ali, o quê?"*

De fato, o grosso das tropas brasileiras que foram enviadas para lutar em território europeu era formada por camponeses, operários. Desses, a grande maioria era analfabeta, possuía graves deficiências de nutrição e higiene pessoal. Isso nos mostra que, por se ver envolvida pela guerra ainda na infância, no decorrer do tempo ela buscou maiores informações sobre a participação brasileira no conflito de forma muito crítica, não se deixando levar por maniqueísmos.

Em 1985, após meses de pesquisa e consulta a diversos órgãos, documentações americanas, inglesas, alemãs e entrevistas com veteranos alemães, o jornalista brasileiro William Waack lança um livro que se tornou um marco na interpretação e na própria historiografia do Brasil a respeito das funções e desempenho de nossas tropas expedicionárias. Em *"As duas faces da glória"*, ele nos diz, entre várias informações, que:

[...] Há outras opiniões menos lisonjeiras, sobretudo quanto ao estado físico da tropa, considerado pelos americanos “muito deficientes”, mesmo levando-se em conta o fato de esses padrões terem sido rebaixados. [...] Outro relatório americano menciona o fato de os soldados brasileiros se cansarem rapidamente quando solicitados a marchar. “A capacidade de marcha dessas tropas é amplamente inferior à de tropas americanas com seis semanas de treinamento básico. Ou sua condição física é muito ruim e necessita de grande melhora ou eles tem problemas com os pés devido ao uso de calçados inadequados. O índice de saúde é considerado baixo, mas não há estatísticas seguras.”<sup>65</sup>

O próprio comandante supremo da FEB, Mascarenhas de Moraes, também relata esse problema em seu famoso livro:

Outra dificuldade por vencer foi a seleção do pessoal. O brasileiro, de um modo geral, não é um homem robusto, embora seja resistente. A esse embaraço inicial adicionava-se a necessidade de uma seleção visando a escolha de homens aptos para o combate em clima e ambiente totalmente diversos daqueles a que estavam habituados.<sup>66</sup>

Mas talvez sejam as palavras de um certo major Elber de Mello Henriques que sintetizem melhor essa situação:

Por outro lado, os filhos das famílias abastadas, os que da pátria só tiveram o melhor bocado, os sadios de corpo e esclarecidos de espírito, os que fugiram das unidades de campanha para um período de adestramento nos recantos maravilhosos da Guanabara como são nossas fortalezas, eram justamente os que se esquivavam ao dever de lutar pela nação que só lhes dera alegrias, para serem substituídos pelos pobres de fortuna, pelos que da terra mãe só provaram os travosos frutos.<sup>67</sup>

O sentimento de revolta em D. Walderez só encontramos quando ela reflete sobre o atual estado de coisas em Alagoas na área da administração pública e distribuição de renda. Foi nesse e *somente nesse* momento em que senti uma amargura em sua pessoa, quando ela diz, por exemplo: “*Eu vou lhe dizer uma coisa e que fique registrado: hoje em dia não se faz mais homens de vergonha! Veja os escândalos de mensalões da vida, escândalos de não sei o quê, tudo roubando do povo, não é? Eu tenho orgulho de ser brasileira e da terra onde eu nasci! Que é uma terra miserável, mas miserável que eu digo é na pobreza, na educação, entendeu como é? Nessa disparidade. Você vê uns com tanto e outros que não tem nem uma cama para dormir. Nesse sentido que eu falo, da miséria humana*”.

E termina com um bom conselho a todos: “*leiam, leiam bastante! Porque o homem que não lê é ignorante. Tudo que se refere ao Brasil se refere a nós. Seja de que maneira for, seja de bom, seja de ruim, se refere a nós*”

Através dessa pequena mostra espera-se que fique evidente o quanto a história oral e os mecanismos da memória podem ajudar a preencher certas lacunas sobre um passado recente.

---

<sup>65</sup> WAACK, William. *As duas faces da glória*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1985, pág. 141. Este livro é considerado “maldito” por todos ex-combatentes brasileiros, especialmente os expedicionários por dar um novo “foco” à nossa participação na guerra, num ponto altamente crítico e contundente. O mesmo livro não se encontra nem na biblioteca da Associação dos ex-combatentes do Brasil seção Alagoas.

<sup>66</sup> MORAES, J. B. Mascarenhas de. Op. Cit. Pág. 28.

<sup>67</sup> HENRIQUES, Elber de Mello. *O panorama brasileiro da época da guerra visto à distância*. In. SIMÕES, Raul Mattos A. Op. Cit. Pág. 189.

Histórias como essas raramente aparecem nas “crônicas oficiais”, escritas e eternizadas pelos “grandes nomes” – é exatamente essa ‘história vista de baixo’ que nos interessa aqui. É também uma oportunidade para que esses colaboradores, apesar de terem tido, também, passagens dramáticas de suas vidas em decorrência da guerra, sentirem-se como agentes, como participantes ativos da História. Uma história mais popular, como ela deve ser. Tornar pública essa memória “subterrânea” é um dos objetivos da HO e o campo de atuação/investigação é praticamente infinito. Outros, centenas, de temas podem ser abordados por quem queira ajudar a construir uma história que não enfoque esses ‘grandes nomes’, ao contrário, uma história que seja mais contestadora, mais democrática, mais humana, mais sensível. É o que tentou-se fazer nessa pesquisa, na medida do possível. Essa evidência oral, testemunhal, viva, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais comovente, mas também *mais verdadeira*. Trabalhar com esses colaboradores, ex-combatentes e uma vítima civil, nos faz refletir o quão é absurda uma guerra e como seus efeitos podem repercutir para sempre numa vida, como pode transformá-la. A força de certos acontecimentos são capazes de marcar toda uma existência. Senti-me profundamente honrado de receber a permissão dessas pessoas para escutá-las, de ser um ouvinte atento para suas vozes - que jamais se calaram e, tenho certeza, ainda demorarão um bom tempo para findarem-se.

## BIBLIOGRAFIA E FONTES

### BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Claudio. *Contando histórias, o rádio em Alagoas*. Maceió. Editora Sergasa, 1989.
- BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1968.
- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história: para ler a história oral*. São Paulo. Edições Loyola. 1999.
- CAMPBELL, Herbert. *A Marinha Mercante na Segunda Guerra: recordações de sua luta*. Rio de Janeiro. Editora Record. 1993.
- COSTA, Octavio. *Trinta anos depois da volta*. Rio de Janeiro. BibliEx. 1976.
- DUARTE, Paulo de Q. *Dias de guerra no Atlântico Sul*. Rio de Janeiro. BibliEx. 1968.
- \_\_\_\_\_. *O Nordeste na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro. BibliEx. 1971.
- GAMA, Sylvio Von Söhsten. *Eu Acuso*. Maceió. Editora do autor. 2001.
- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas*. São Paulo. Editora Símbolo. 1977.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo. Editora Centauro. 2009.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2ª edição. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo. Editora da Unicamp, 1994.
- MANSON, David. *Submarinos alemães: a arma oculta*. Rio de Janeiro. Editora Renes. 1975.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom & HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo. Editora Contexto. 2007.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3ª edição. São Paulo. Editora Contexto. 1994.
- MORAES, João Batista Mascarenhas de. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro. BibliEx. 2005.
- MOTTA, Aricildes de Moraes (org.) *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro. BibliEx. 2001 (8 tomos).
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, n.10, dez 1993.
- OLIVEIRA, Sérgio. *Getúlio Vargas depõe*. Porto Alegre. Editora Revisão. 1996.
- PEDROSA, J. F. Maya. *O enigma dos submarinos: nordeste do Brasil, 1942*. Maceió. Edições Catavento. 2001.
- POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2 n. 3, 1989.
- PUCCINELLI, Eni de Lourdes. *As formas de silêncio*. Campinas. UNICAMP. 1992.
- RODRIGUES, Agostinho José. *Terceiro batalhão: o Lapa Azul*. Rio de Janeiro. BibliEx. 1985.
- SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva. 2007.
- SIMÕES, Raul Mattos A. *A presença do Brasil na 2ª guerra mundial*. Rio de Janeiro. BibliEx. 1967.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2ª edição. São Paulo. Editora Paz e Terra. 1998.
- VERTINO, Derek Destito. *Da glória ao esquecimento: os socorrenses na segunda guerra – resgatando a memória da cidade*. Socorro. Editora do autor. 2011.
- WAACK, William. *As duas faces da glória*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1985.

### FONTES ORAIS

Abel Silva do Amor Divino  
Acyr de Barros Costa  
Walderez Cavalcante

### JORNAIS E REVISTAS

- Revista Super Interessante, edição 285 – dez / 2010
- Revista Navigator, publicada pelo Serviço de Documentação da Marinha Alemã, nº 18, Janeiro a dezembro de 1982.
- Artigo de ROHWER, Jürgen. “**Operações navais da Alemanha no litoral do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial**”. In. PEDROSA (op. cit. Págs. 26-27)
- VÁRIOS. *Oralidades: revista de história oral*, nº 1 – jan-jun/2007. São Paulo. Editora da NEHO. 2007.
- \_\_\_\_\_. *Oralidades: revista de história oral*, nº 2 – jul-dez/2007. São Paulo. Editora da NEHO. 2007.
- \_\_\_\_\_. *Oralidades: revista de história oral*, nº 3 – jan-jun/2008. São Paulo. Editora da NEHO. 2008.
- \_\_\_\_\_. *Oralidades: revista de história oral*, nº 6 – jul-dez/2009. São Paulo. Editora da NEHO. 2009.
- VÁRIOS. *Revista do Exército Brasileiro*, v. 120, nº 4. Rio de Janeiro. BibliEx. 1983.
- O JORNAL, edição de 23 de janeiro de 2011. Caderno Dois.



## **SITES DA INTERNET**

[www.sobreviventeitagiba.blogspot.com.br](http://www.sobreviventeitagiba.blogspot.com.br)

[www.naufragiosdobrasil.com.br](http://www.naufragiosdobrasil.com.br)

<http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vEditoria=Interior&vCod=32165>

<http://tudonahora.uol.com.br/noticia/interior/2010/05/11/95557/mina-maritima-usada-na-segunda-guerra-mundial-e-encontrada-em-maragogi>

<http://www.anvfeb.com.br>

## **FONTES CINEMATOGRÁFICAS**

PETERSON, Wolfgang (dir.) *Das Boot*. Alemanha, 216min, 1981.

CARVALHO, Rubens (dir.) *U-507*. Brasil, 16min, 2008.

Cine Jornal Brasileiro Vol. 2, nº 146

## **ARQUIVO PÚBLICO**

REGIMENTO INTERNO e ESTATUTOS

Do arquivo da Associação dos ex-combatentes do Brasil – secção de Alagoas.

## ANEXO 1: FOTOGRAFIAS



Foto 01: espaço externo da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, secção Alagoas.

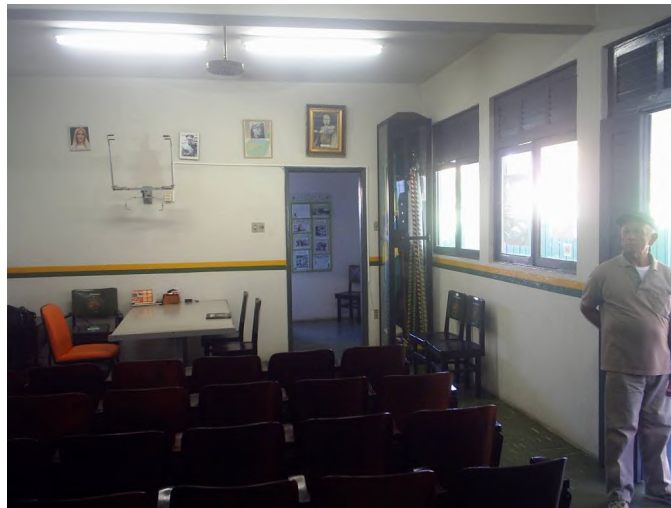


Foto 02: O ex-combatente Acyr de Barros e o auditório da Associação.



Foto 03: placa da instituição.



Foto 04: auditório dr. Floriano Ivo Júnior e seus funcionários.



Foto 05: fotografias e murais.



Foto 06: documentos relativos à Associação e seus ex-combatentes.



Foto 07: A biblioteca pública da Associação.





Foto 08: o *Itagiba*.



Foto 09: crianças que foram salvas pelo iate *Aragipe*, que conduziu do local do naufrágio do *Itagiba* 150 pessoas. Walderez está sendo abraçada. No colo de sua amiguinha está a boneca de luxo que a Nestlé a presenteou.



Foto 10: representante da Nestlé no ato de entrega simbólica da boneca à pequena Walderez, que se encontra no centro.



Foto 11: sobreviventes do Itagiba, portando equipamentos de salvatagem de que se utilizaram, em Valença-Bahia.



Foto 12: outro grupo de sobreviventes, já em Valença.



Foto 13: tripulantes do Itagiba e do Arará, em Valença.



Foto 14: Walderez, já com o braço enfaixado devido às suas traquinagens.



Foto 15: instantâneos de Harro Schacht, comandante do U-507.





Foto 16: momento em que o U-507 é bombardeado por aviões norte-americanos: 56 alemães conhecem o oceano Atlântico de uma forma diferente.



Farol Antigo cód. A. 6. Foto nº 00026.  
O Zepelim quando de sua passagem pelo bairro do Farol. Local: Praça do Centenário. Dec. de 30.

Foto 17: antes da guerra – a suástica sobrevoando o bairro do Farol, na capital alagoana (Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas: arquivo digitalizado).



Farol Antigo cód. A. 6. Foto nº 00006.  
Ladeira Eustáquio- vendo-se o "Graf Zeppelin"  
passando por Maceió, em 1934, vendo-se ainda o  
antigo Farol, com o registro de que ainda havia sido  
construído o Porto de Jaraguá.

Foto 18: outro registro do Zeppelin em terras caetés (Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas: arquivo digitalizado).



Foto 19: base de blimps (dirigíveis) no Tabuleiro dos Martins, Maceió. Esses dirigíveis operavam no litoral para ajudar na observação de submarinos inimigos.

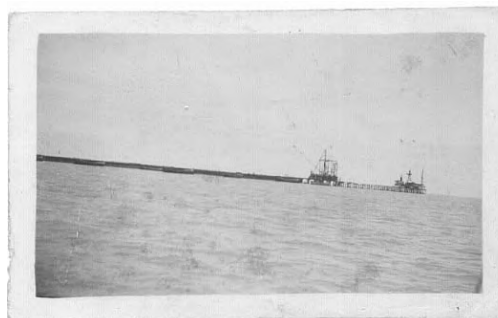


Pajuçara Antiga cód. A. 6. Foto nº 00005.  
A mais bela Casa de Espetáculos Cinematográficos é inaugurada: O CINEMA REX. 10 de novembro de 1940.

Foto 20: vida social na Maceió: inauguração do cinema REX. Nesse cinema, cinejornais do governo varguista cobriam a guerra. Imagens de D. Walderez foram aí projetadas para a população alagoana.



Jaraguá Antigo cód. A. 6. Foto nº 00003.  
A Praia de Jaraguá e as Pontes dos Trapiches além dos Pescadores em Arrastão. 1939.

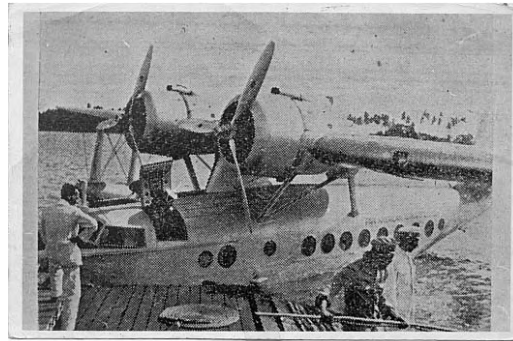


Jaraguá Antigo cód. A. 6. Foto nº 00005.  
O novo Porto de Jaraguá em construção. Dec. 40. Séc. XX.





Jaraguá Antigo cód. A. 6. Foto nº 00007.  
Construção do Porto de Jaraguá na dec. de 40.



Levada Antiga. Cód. A. 6. Foto nº 00033.  
Foto exibida na 1ª exibição do Foto Clube de Alagoas, pelo  
Fotógrafo Amador Humberto Paiva, mostrando um hidroavião  
ancorado no Aeroporto da Levada, 1940.

Fotos 21/24: Instantâneos de Maceió pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas: arquivo digitalizado.



Fotos 25 e 26: área externa do Museu da II Guerra Mundial em Maceió.



Fotos 27 e 28: outras partes da área externa do museu.



Foto 29: uniforme dos marinheiros de U-boat.



Foto 30: uniformes brasileiros de campanha.



Foto 31: armamento germânico capturado, incluindo a célebre pistola Luger, considerada um troféu de guerra e usada somente por oficiais alemães.





Foto 32: O museu recebe um visitante ilustre: o historiador Marcelo Gomys Esquilo.



Foto 33: recordações da guerra.



Foto 34: metralhadora Browning, usada por brasileiros nos campos italianos.



Foto 35: armamento usado pelos aliados.



Foto 36: no museu: “Porque todos os brasileiros são soldados”.



Foto 37: Diploma da Cruz de Combate concedida postumamente ao cabo Olivaldo Barbosa Villanova, natural do município de Piranhas, Alagoas, morto em combate. Concedida pela família.





Foto 38: Diploma da Medalha de Serviços de Guerra concedida ao Sr. Abel.

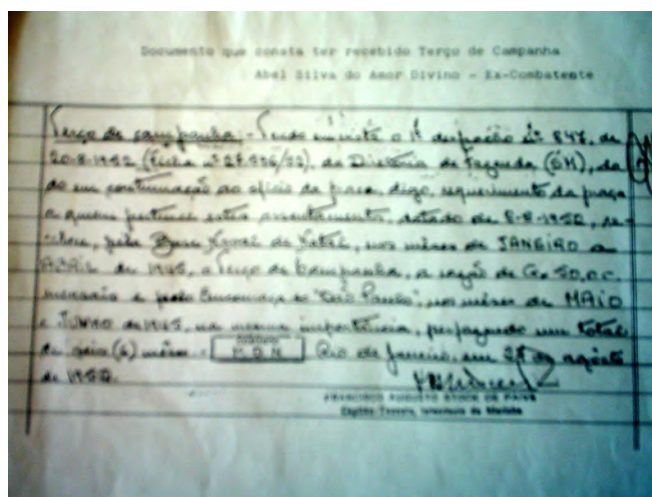







Foto 39: documento de recebimento do terço de Campanha do Sr. Abel.



Foto 40: a medalha recebida pelos serviços prestados à Marinha de Guerra Brasileira do Sr. Abel (digitalizado).



**ANEXO 2: ALAGOANOS MORTOS EM COMBATE NA CAMPANHA DA ITÁLIA\***

 <p><b>NOME:</b> Alberto Mello da Costa  <b>UNIDADE:</b> I/1º RAPC  <b>POSTO:</b> 2º Sgt.  <b>IDENTIDADE:</b> 1G-151.046  <b>NATURALIDADE:</b> Viçosa, AL  <b>DATA DE FALECIMENTO:</b> 22.04.1945  <b>LOCAL:</b> Zocca</p> <p><b>OBS:</b> Faleceu em consequência de acidente de mina. Agraciado com as Medalha de Campanha e Cruz de Combate de 2ª Classe.</p>	 <p><b>NOME:</b> Benevides Valente Monte  <b>UNIDADE:</b> 1º RI  <b>POSTO:</b> 3º Sgt  <b>IDENTIDADE:</b> 7G-27.982  <b>NATURALIDADE:</b> Maceió, AL  <b>DATA DE FALECIMENTO:</b> 21.02.1945  <b>LOCAL:</b> Monte Castelo</p> <p><b>OBS:</b> Morto em ação - Agraciado com as Medalha de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2ª Classe.</p>	 <p><b>NOME:</b> Eduardo Gomes dos Santos  <b>UNIDADE:</b> DP/FEB  <b>POSTO:</b> Soldado  <b>IDENTIDADE:</b> 1G-305.629  <b>NATURALIDADE:</b> Rio Largo, AL  <b>DATA DE FALECIMENTO:</b> 14.04.1945  <b>LOCAL:</b> Montese</p> <p><b>OBS:</b> Morto em ação - Agraciado com as Medalha de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2ª Classe.</p>
 <p><b>NOME:</b> José Guilherme da Silva  <b>UNIDADE:</b> CRP/FEB  <b>POSTO:</b> soldado  <b>IDENTIDADE:</b> 7G-43.472  <b>NATURALIDADE:</b> Maceió, AL  <b>DATA DE FALECIMENTO:</b> 16.04.1945  <b>LOCAL:</b> Pistoia</p> <p><b>OBS:</b> Morto em virtude de acidente de granada. Agraciado com a Medalha de Campanha.</p>	 <p><b>NOME:</b> Olivaldo Barbosa Vila Nova  <b>UNIDADE:</b> 1º RI  <b>POSTO:</b> Cabo  <b>IDENTIDADE:</b> 1G-298.148  <b>NATURALIDADE:</b> Maceió, AL  <b>DATA DE FALECIMENTO:</b> 29.11.1944  <b>LOCAL:</b> Monte Castelo</p> <p><b>OBS:</b> Morto em ação - Agraciado com as Medalha de Campanha, Sangue do Brasil e Cruz de Combate de 2ª Classe.</p>	

\*Disponível em: [www.anvfeb.com.br](http://www.anvfeb.com.br)

Acessado em: 29/05/2011